

# Setúbal Arqueológica

Vol.15  
2014

## II Encontro de Arqueologia da Arrábida

Homenagem a  
**A. I. Marques da Costa**



Alto Patrocínio: Fundação Buehler-Brockhaus

Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal /  
/Assembleia Distrital de Setúbal



# Setúbal Arqueológica

Vol.15  
2014



**Edição** MAEDS/ADS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/  
/Assembleia Distrital de Setúbal

**Direcção** Carlos Tavares da Silva  
Joaquina Soares

**Coordenação** Carlos Tavares da Silva

**Capa** Aspecto da muralha calcolítica de Chibanes. Foto de Rosa Nunes.

**Separadores** Separador *Homenagem ao Arqueólogo A. I. Marques da Costa (1857-1933)* | No verso, fragmento de cerâmica decorada de tipo “folha de acácia” de Chibanes, foto de Rosa Nunes; no reverso, hipogeu nº2 da Quinta do Anjo, desenho de A. I. Marques da Costa.

Separador *Arqueologia Pré-histórica* | Fragmento de cerâmica decorada do Neolítico antigo evoluído do Casal da Cerca (Palmela). Foto de Rosa Nunes.

Separador *Arqueologia Romana* | Restos osteológicos de preparado de salgas de peixe do Alto Império (ânfora Dressel 14 exumada na Rua Francisco Augusto Flamengo, Setúbal). Foto de Rosa Nunes.

Separador *Arqueologia Medieval e Moderna* | Faiança com decoração a azul de cobalto e violeta de manganês alterada pelo fogo subsequente ao sismo de 1755 (Rua Álvaro Castelões, Setúbal). Foto de Rosa Nunes.

**Tradução** Barbara Polyak

**Paginação** Ana Castela  
Ana Paula Covas

**Impressão e acabamento** Europress

**Informações e permutas** Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal  
Avenida Luisa Todi, 162 - 2900-451 Setúbal (Portugal)  
Tel.: +351 265 239 365/265 534 029  
Fax: +351 265 527 678  
E-mail: maeds@mail.telepac.pt  
Site: www.museu-maeds.org  
Blog: <http://maedseventosactividades.blogspot.com/>

**Copyright®** 2014, Autores e MAEDS

**ISSN** 0872-3451

**Depósito Legal**

**Tiragem** 500 exemplares

**Alto-patrocinio** Fundação Buehler-Brockhaus

**Apoio** Fundação Oriente



## ÍNDICE

### *Homenagem ao Arqueólogo A. I. Marques da Costa (1857-1933)*

- II Encontro de Arqueologia da Arrábida. Uma introdução 8
- João Luís Cardoso** 11
- António Inácio Marques da Costa (1857-1933), Setúbal, Tróia e a Arrábida: percursos de um pioneiro dos estudos arqueológicos regionais em Portugal vistos pela correspondência enviada a José Leite de Vasconcelos

### *Arqueologia Pré-histórica*

- Silvério Figueiredo & José Carvalho** 47
- Subsídios para a Pré-história do Cabo Espichel
- Carlos Tavares da Silva & Joaquina Soares** 61
- O habitat do Neolítico antigo do Casal da Cerca (Palmela)
- Carlos Tavares da Silva & Joaquina Soares** 105
- O Castro de Chibanes (Palmela) e o tempo social do III milénio BC na Estremadura
- João Pedro Tereso** 173
- Vestígios arqueobotânicos do III milénio cal BC de Chibanes (Palmela, Setúbal)
- Manuela Dias Coelho** 181
- A fauna malacológica da ocupação calcolítica do Castro de Chibanes

### *Arqueologia Clássica*

- Ana Cristina Martins** 203
- A *Sociedade Archeologica Lusitana* no contexto da arqueologia de oitocentos
- Inês Vaz Pinto, Ana Patricia Magalhães & Vera Cabedal** 217
- O núcleo fabril do Recanto do Verde (Tróia)
- Ana Patricia Magalhães** 245
- Uma cetária de Tróia escavada nos anos 50 do séc. XX
- Tanya Silveira, Francisco Andrade, Inês Vaz Pinto, Ana P. Magalhães & Vera Cabedal** 259
- Enchimento de praia para protecção das ruínas romanas de Tróia: projecto e acompanhamento arqueológico
- Carlos Tavares da Silva & Antónia Coelho-Soares** 305
- Preexistências de Setúbal. A ocupação da Época Romana da Travessa de João Galo, n.ºs. 4-4B

### *Arqueologia Medieval e Moderna*

- Susana Duarte, Joaquina Soares & Carlos Tavares da Silva** 341
- Intervenção Arqueológica na Rua Álvaro Castelões, n.ºs 38 e 40 (Setúbal) e sismo de 1755
- Anexo - Teresa Quilhó** 370
- Identificação de amostra de madeira da Rua Álvaro Castelões (Setúbal)
- Miguel Correia** 373
- Testemunhos dos inícios da Idade Moderna na Vila de Alcochete

## Preexistências de Setúbal. A ocupação da Época Romana da Travessa de João Galo, n.ºs. 4-4B

CARLOS TAVARES DA SILVA\*  
ANTÓNIA COELHO-SOARES\*

### Resumo

Apresentam-se os resultados de escavação efectuada pelo MAEDS no lote 4-4B da Travessa de João Galo, no Centro Histórico de Setúbal. É dada a conhecer uma sequência ocupacional que, iniciada na Idade do Ferro e embora com algumas soluções de continuidade, se prolonga até ao século VI. Durante a 2ª metade do século I e a 1ª metade do século II o local é ocupado por armazém de ânforas do tipo Dressel 14, armazém que assentou em areias de praia de antiga flecha litoral, que integravam materiais da Idade do Ferro (períodos orientalizante e/ou de tradição orientalizante); na 2ª metade do século II/inícios do século III foi construído, utilizado e abandonado um edifício monumental, por hipótese público, destruído em resultado de provável sismo com impacto no SW ibérico. Nos séculos IV-V e VI, registaram-se ocupações sucessivas de carácter habitacional, com artefactos importados da actual Tunísia (*sigillata* africana D), da Narbonense (cerâmica estampada cinzenta) e da costa ocidental da actual Turquia (*sigillata* focense tardia).

### Abstract

We present the results of an excavation carried out by MAEDS in plot 4-4B at Travessa de João Galo, in the Historical Center of Setubal. The beginning of this occupational sequence was dated from the Iron Age up to the VI century. During the second half of the 1st and the first half of the 2nd century there was a "Dressel 14" amphora warehouse. It settled on the coastline sandbank, where materials from the Iron Age were also found (first Iron Age with Phoenician filiation and post-Orientalizing period). In the second half of the 2nd century a monumental building was constructed probably for public purposes. It had a short life, as it collapsed before the IV century, may be by effect of an earthquake that could affected the Southwestern of Iberian Peninsula in the third century. In the IV-V and VI centuries, successive residential occupations appeared with artifacts imported from present-day Tunisia (African *sigillata* D), from Gallia *Narbonensis* province (stamped gray ceramic) and from the West coast of present-day Turkey (*Late Roman C* ware).

---

\* Centro de Estudos Arqueológicos. Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal. cea.maeds@mail.telepac.pt

## Introdução

Entre 23 de Julho e 16 de Agosto de 1997, o Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS) realizou, em lote até então ocupado por imóvel do século XIX, situado no n.ºs 4-4B da Tr. de João Galo, em Setúbal (Fig. 1), uma intervenção arqueológica de emergência motivada pela demolição desse edifício e construção de um novo<sup>1</sup>.

A área da Travessa de João Galo intervenida arqueologicamente em 1997 comporta-se como mais uma janela aberta sobre o passado de

Setúbal. Mas como dela, naturalmente, só se domina a ínfima parcela da realidade histórica, as observações que permite terão de ser adicionadas às obtidas através de anteriores intervenções. A composição do “puzzle” da mais recuada história de Setúbal tem vindo sistematicamente a ser realizada pelo MAEDS, desde a sua fundação, em Dezembro de 1974, de acordo com projecto de arqueologia urbana sobre as preexistências de Setúbal, o qual permite atribuir coerência às numerosas escavações de emergência como a da Travessa de João Galo. Deste modo, tornou-se possível não só confirmar amplamente



Fig. 1 - Localização da Travessa de João Galo (n.º 7) no contexto das intervenções arqueológicas desenvolvidas pelo Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, na área urbana de Setúbal: 1 - Rua Francisco Augusto Flamengo; 2 - Travessa dos Apóstolos; 3 - Rua Arronches Junqueiro 32-34; 4 - Rua Arronches Junqueiro 73-75; 5 - Rua António Joaquim Granjo; 6 - Rua António Joaquim Granjo (Casa dos Mosaicos); 7 - Travessa de João Galo; 8 - Largo da Misericórdia; 9 - Travessa de Frei Gaspar; 10 - Travessa da Portuguesa; 11 - Av. Luisa Todí (edifício BCP); 12 - Rua Major Afonso Pala; 13 - Rua Álvaro Castelões; 14 a 16 - Rua António Januário da Silva; 17 - Rua Serpa Pinto; 18 - Avenida 5 de Outubro; 19 - Rua Luís de Camões; 20 - Praça de Bocage / Av. Luisa Todí (edifício Montepio); 21 - Praça de Bocage; 22 - Largo do Sapalinho; 23 - Praça de Bocage; 24 - Rua de Bocage / Rua Augusto Cardoso (edifício Benetton); 25 - Beco de Dona Maria; 26 - Av. 22 de Dezembro; 27 - Rua Augusto Cardoso; 28 - Praça Miguel Bombarda; 29 - Rua Acácio Barradas; 30 - Rua António Maria Eusébio; 31 - Praça Machado dos Santos; 32 - Largo António Joaquim Correia; 33 - Baluarte da Conceição.

1 - Os trabalhos foram dirigidos pelos signatários; o desenho esteve a cargo de Jorge Costa (técnico do MAEDS). Participaram ainda na escavação quatro trabalhadores não especializados pagos directamente pelo dono da obra (Maria Zélia Liberato) e estudantes de Arqueologia. A área foi quadriculada através de um sistema de quadrados de 2 metros de lado, designados por letras maiúsculas (de oeste para este) e números árabes (de sul para norte). Foram escavados os Qs. B3-B5, C3-C5, D3-D5, abrangendo a superfície de ca 35m<sup>2</sup>.

a ocupação da época romana do Centro Histórico de Setúbal, compreendida cronologicamente entre o século I e o século V, e cujo núcleo melhor conhecido (aquele em que se integra a Travessa de João Galo) se estendia por 550 metros, desde a área de cota mais elevada da colina de Santa Maria até à zona mais ocidental da actual Praça do Bocage, como também recuar a mais antiga ocupação humana ao período de transição entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro, ou seja, ao século VIII a. C. (Soares & Tavares da Silva, 1986; Tavares da Silva & Soares, 1986; Tavares da Silva, 1990; Soares, 2000; Tavares da Silva *et al.*, 2010). Além disso, procedeu-se ao estudo da evolução geomorfológica e da organização funcional da Baixa de Setúbal, concluindo-se que: a) no Bronze Final/período orientalizador a ocupação se confinava à colina de Santa Maria, que seria banhada pelas águas da baía de Setúbal e por um braço de mar que se estendia até ao actual Bairro do Liceu, bifurcando-se, a partir daí, em dois outros esteiros (as presentemente chamadas Várzeas do Montalvão e do Livramento); b) no decurso da Idade do Ferro foi-se desenvolvendo uma flecha litoral, ou restinga, de direcção E-W, em formação a partir da base daquela colina, desde, pelo menos, a primeira metade do II milénio A.C.; c) nos inícios da Época Romana, tal restinga atingia já o que é hoje a Praça do Bocage (Tavares da Silva & Coelho-Soares, 1980-81; Cardoso, 1986); d) durante a mesma época, a área residencial e comercial da povoação romana situar-se-ia na colina de Santa Maria, enquanto na restinga funcionaria o sector fabril de produção de preparados de peixe (Tavares da Silva & Coelho-Soares, 1980-81; Tavares da Silva *et al.*, 1986; Tavares da Silva, 1996; Tavares da Silva *et al.*, 2010).

Neste contexto paleogeográfico, o lote da Travessa de João Galo abrangia, na Antiguidade, uma área de praia, na zona de ligação da referida flecha litoral à base da Colina de Santa Maria.

### Estratigrafia

A escavação arqueológica na Tr. de João Galo permitiu a seguinte leitura estratigráfica (de cima para baixo – Fig. 2):

**C. 1** – Esp. *ca.* 0,25-0,30m. Nível de entulhos ricos em fragmentos de argamassa esbranquiçada. Continha cerâmicas, algumas com revestimento melado e decoração a manganês atribuíveis aos séculos XV-XVI.

**C. 2** – Esp., de um modo geral, com *ca.* 0,20-0,25m.; em alguns pontos, atingia cerca de 1 m. Areia argilosa pouco compacta, cinzenta muito escura, na parte superior, e tornando-se cinzento-amarelada em profundidade. Cerâmica e ossos muito fragmentados. Conchas de moluscos, sobretudo da espécie *Mondonta lineata*. Nos Qs.B/3-5, onde esta camada atingia a espessura de 0,9m, assentava directamente quer sobre a C.7, quer sobre a superfície da parte superior da Estrutura 3, o que parece relacioná-la com a desmontagem da mesma estrutura.

**C. 3** – Esp. *ca.* 0,05-0,10m. Pavimento de argamassa muito rico em cal. Relativamente bem conservado no Q.D4 e muito destruído nos Qs. C5 e D5.

**C. 4** – Esp. *ca.* 0,2m. Blocos pequenos e médios embalados por argila castanha. Constituiu nível de enchimento e regularização sobre o qual foi assentar o pavimento da C.3.

**C. 5** – Esp. *ca.* 0,05-0,10m. Areia pouco argilosa, semelhante à da Camada 2, castanho-acinzentada muito escura. Trata-se de um nível de ocupação a que corresponde a lareira identificada nos Qs. C5/D5. Em torno desta lareira, a Camada 5 integrava um piso de terra batida rico em carvões e cinzas. A partir da base deste nível formavam-se bolsas que, em profundidade, chegavam a atingir a Camada 10; uma destas bolsas possuía, na sua parte superior, um *dolium* quase inteiro que fazia parte da área habitacional a que pertenceu a referida lareira. Estas bolsas, de areia cinzento-escura e solta, continham ossos, fragmentos de cerâmica e carvões muito dispersos.

**C. 6** – Esp. *ca.* 0,25m. Areia argilosa castanho-amarelada que embalava alguns blocos de pequenas dimensões, fragmentos de telhas e de escassos recipientes cerâmicos. Descontínua: foi frequentemente interrompida pelas bolsas das Camadas 2 e 5. Parece corresponder à fase de abandono a que pertenceu o pavimento da Camada 7.

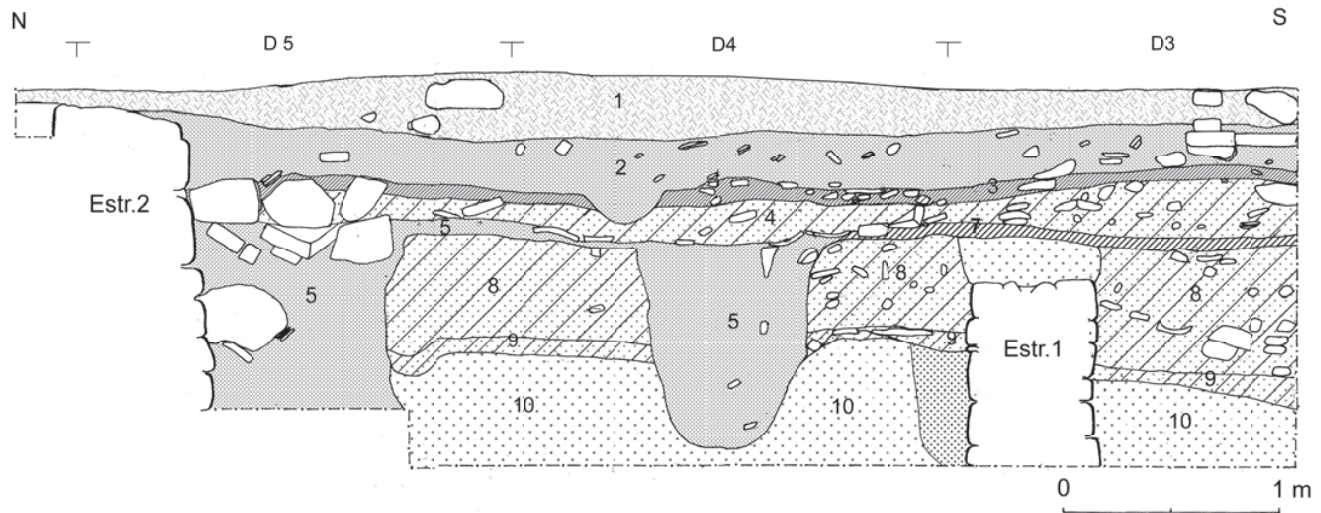


Fig. 2 - Travessa de João Galo, n.ºs 4-4B. Perfil estratigráfico dos Qs. D3-D5.

**C. 7** – Esp. ca. 0,05m. Pavimento de gravilha de calcário, mal consolidado por a gravilha se encontrar embalada por argamassa pobre em cal. Embora descontínuo, devido às bolsas das Camadas 2 e 5 que o atravessavam, este pavimento abrangia toda a área escavada, tendo como limite oeste a Estrutura 3. Selava a vala de construção desta estrutura; passava sob a Estrutura 4; encostava às Estruturas 2 e 3 e cobria o topo arruinado da Estrutura 1. As Estruturas 2 e 3 teriam pertencido à mesma fase deste pavimento. Atendendo à cronologia fornecida pelos materiais da Camada 8, sobre a qual assentou o pavimento de gravilha, e pelos da Camada 6, que repousava directamente sobre o mesmo pavimento, pensamos que este poderá ser datado da segunda metade do séc. II.

**C. 8** – Esp. ca. 0,3-0,6m. Argila arenosa de cor vermelha. Foi atravessada por bolsas das Camadas 2 e 5; atingia a sua maior potência junto da Estrutura 1. À medida que nos afastávamos deste muro, a Camada 8 não só perdia espessura, mas também se tornava menos argilosa e de um vermelho menos intenso. Tratar-se-ia de nível de derrube de taipa que formaria a parte superior da Estrutura 1. Este derrube teria sido regularizado para receber o pavimento de gravilha da Camada 7. A Camada 8 está ausente sobre o topo da Estrutura 1, onde é

substituída por areia branca e solta. Esta ausência é explicável do seguinte modo: após o derrube da taipa e antes da construção do pavimento de gravilha, teria sido desmontada a parte superior do muro a que corresponde a Estrutura 1; formou-se, assim, uma vala limitada lateralmente pela argila vermelha da Camada 8, vala que foi colmatada por areia de praia quando da construção daquele pavimento.

**C. 9** – Esp. ca 0,10-0,20m. Foi atravessada por bolsas das Camadas 2 e 5. Areia argilosa, pouco compacta, cinzento-escuro, carbonosa, contendo numerosos fragmentos, muito frequentemente de grandes dimensões, pertencentes a ânforas do tipo Dressel 14.

**C. 10** – Espessura indeterminada (escavada até à profundidade de 0,5m.). Areia amarelada e ligeiramente compactada no topo, no contacto com a Camada 9 (10A), e solta e branca em profundidade (10B). Continha raros materiais arqueológicos. Foi atravessada pelas valas de construção das Estruturas 1, 2 e 3 e atingida por algumas das bolsas das Camadas 2 e 5. Corresponde à superfície da restinga sobre a qual se estabeleceu a primeira ocupação da época romana.

A presente sequência estratigráfica encontra-se, por vezes, perturbada em resultado das aludidas fossas abertas a partir dos níveis superiores e que, como dissemos, chegam a atingir a Camada 10.

## Sequência da ocupação humana

A estratigrafia anteriormente apresentada permite identificar cinco grandes fases na sequência da ocupação humana do lote urbano em apreço.

### Fase I (C.10B)

No local existia uma praia situada na extremidade oriental da restinga referida na Introdução. Esta praia, na área correspondente ao lote agora intervenção arqueologicamente, teria sido frequentada durante a Idade do Ferro.

Não surgiram estruturas arquitectónicas.

### Conjuntos artefactuais (Fig. 4)

Os momentos mais antigos encontram-se representados por escassos exemplares de cerâmica da Idade do Ferro: fragmento de prato de engobe vermelho orientalizante (nº 1); cerâmica cinzenta orientalizante; cerâmica pintada de bandas (nº 2); ânforas, de que se destaca um fragmento de bordo (nº 3) afim do tipo Maña-Pascual A4 (grupos 11 e 12 de J. Ramon), com pasta que lembra a das produções do Sado. Este tipo de ânfora, de conteúdo piscícola, foi produzido na baía gaditana, na costa de Málaga e no Norte de África (o nosso exemplar, pelas características da pasta, é provável que seja originário do Baixo Sado). O perfil do bordo do nosso exemplar, de tendência biconvexa, ocorre nos tipos 11.2.1.4, 11.2.1.6 e 12.1.1.1. de Ramon, os quais abarcam vasta cronologia, compreendida principalmente entre o último terço do século V e o século III a.C.

Surgiram, por fim, dois fragmentos de ânforas romanas, com bordo. O nº4, de classificação problemática, possui um bordo que o aproxima quer da Dressel 1 (talvez uma “Dressel 1 provincial”),

quer da forma Púnico-Ebusitana 25 (Ramon, 2006, p. 241-270), de acordo com Rui Almeida, que examinou este exemplar, bem como o do nº 5. A tratar-se de uma PE 25, o perfil do bordo corresponderia aos tipos (29) a (32), que pertencem à fase mais tardia da evolução desta ânfora, ou seja, ao último quartel do século II, inícios do século III (Ramon, 2006, Fig. 12, p. 264-265). Assim, o nosso exemplar estaria fora do seu contexto original, uma vez que a formação da C.10B foi anterior ao terceiro quartel do século I, data da formação da C.9. O mesmo investigador classificou o nº 5 como uma Dressel 6 (“ânfora itálica meridional, cronologicamente situada entre o último terço do século I a.C. e o primeiro terço do I d.C.”).

1 - J.G./388. Q.B4. C.10B. Prato de engobe vermelho orientalizante. Pasta vermelho-acastanhada (Munsell 2.5YR 5/4), compacta, com numerosas inclusões (<0,5mm) de cor negra, de quartzo e de muscovite. Engobe pouco espesso, mas aderente e brilhante (Munsell 7.5 R 4/6).

2 - J.G./170. Q. C4. C.10B. Cerâmica pintada. Recipiente fechado de bordo ligeiramente extrovertido. Banda pintada no bordo, de cor castanho-avermelhada (Munsell 2.5YR 4/4). Pasta fina, compacta, vermelho-clara (Munsell 2.5R 6/7), com numerosos e.n.p. de quartzo em geral rolados, raramente atingindo 0,5 mm; presença de muscovite; raras inclusões negras e de cerâmica moída. Cor/cozedura<sup>2</sup>: 1. Torno. Diâmetro interno da boca ca. 140mm. Parece tratar-se de uma produção do Sado.

3 - J.G./169. Q. D3. C.10B. Ânfora. Bordo de perfil amendoado e ligeiramente extrovertido afim do das ânforas Maña-Pascual A4. Na face externa do bordo há vestígios de engobe de cor branca. Pasta semelhante à das produções do Sado: de cor vermelha (Munsell 2.5YR 5.5/6), esponjosa, com predomínio de e.n.p. de quartzo, translúcidos, esbranquiçados ou hialinos, em geral <0,5mm, mas sendo frequentes os >0,5mm, quase sempre rolados; escassas inclusões de cor negra e de cerâmica moída. Cor/cozedura:1. Torno. Diâmetro interno da boca ca. 120mm.

4 - J.G./171. Q. C4. C.10B. Ânfora da forma Dressel 1 (?). Pasta muito compacta, muito fina, com escassos e.n.p.

2 - Cor/cozedura: 1- superfícies e núcleo avermelhados/acastanhados – cozedura oxidante; 2- superfícies e núcleo anegrados – cozedura redutora; 3.1 – zona superficial externa avermelhada/acastanhada e zona superficial interna anegrada – cozedura redutora-oxidante; 3.2 – zona superficial externa anegrada e zona superficial interna avermelhada/acastanhada – cozedura oxidante-redutora; 3.3 – núcleo anegrado e zonas superficiais avermelhadas/acastanhadas – cozedura redutora com arrefecimento oxidante; 3.4 – núcleo avermelhado/acastanhado e zonas superficiais anegradadas – cozedura oxidante e arrefecimento redutor.



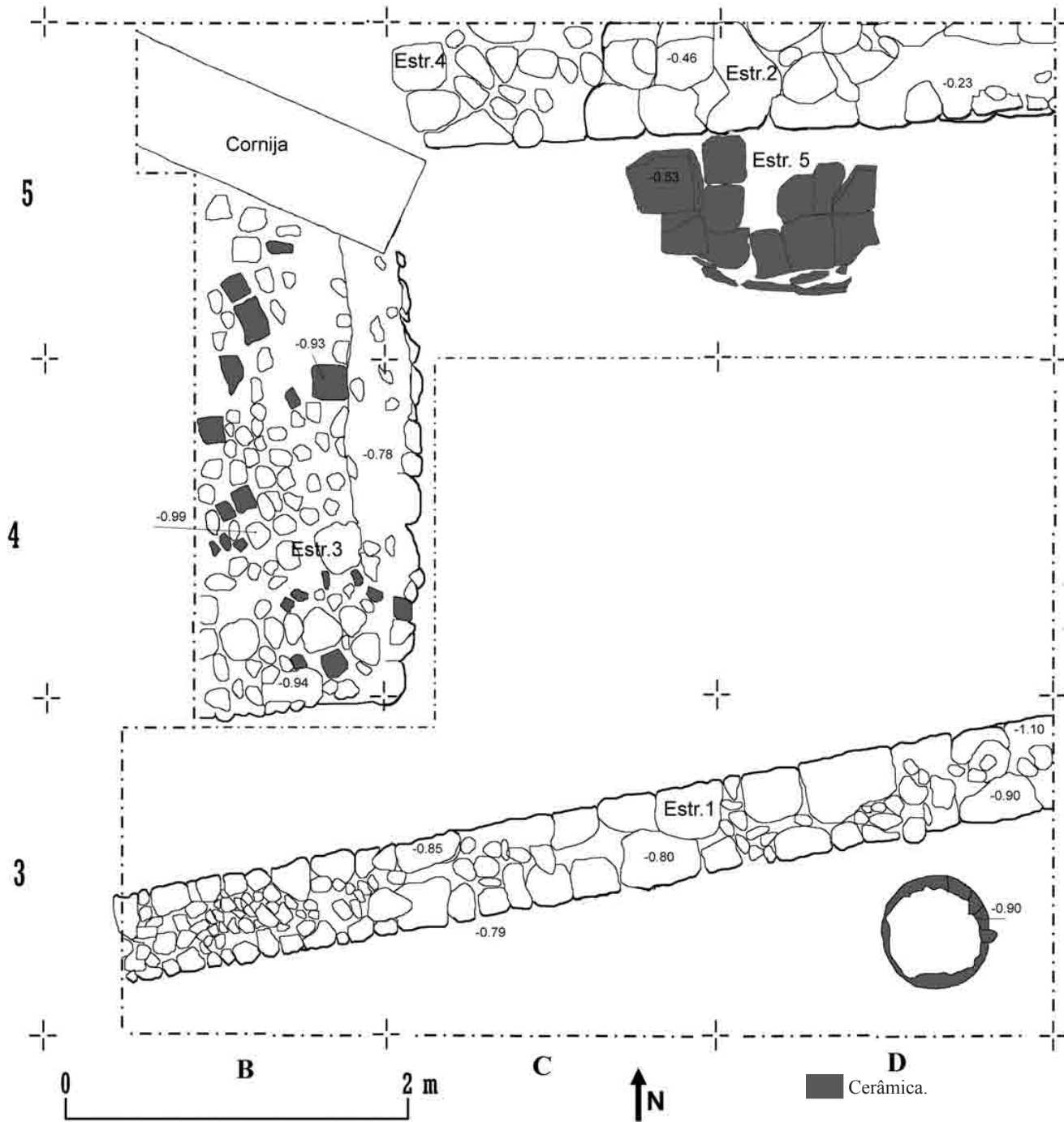


Fig. 3 - Travessa de João Galo, n.ºs. 4-4B. Planta geral da área escavada.

superiores a 0,2mm, sendo abundantes os de cor branca ou negra; com dimensões entre 0,2 e 0,5mm, inclusões vermelhas, por vezes de aspecto ferruginoso. Cor/cozedura: 1. Núcleo vermelho (Munsell 10R 5/8); superfícies vermelho-claras (Munsell 10R 7/6) a vermelho-amareladas (5YR 7/6). Torno. Diâmetro interno da boca *ca.* 100mm.

5 - J.G./168. Q. C4. C.10B. Ânfora da forma Dres-sel 6 (?). Pasta muito compacta, homogénea, muito fina e pouco porosa, com e.n.p. raramente superiores a 0,1mm, em geral de cor branca; ocorrem ainda, em menor número, inclusões negras e vermelhas, por vezes de aspecto ferruginoso, podendo as últimas atingir 0,3mm. Cor/cozedura: 1. Nú-

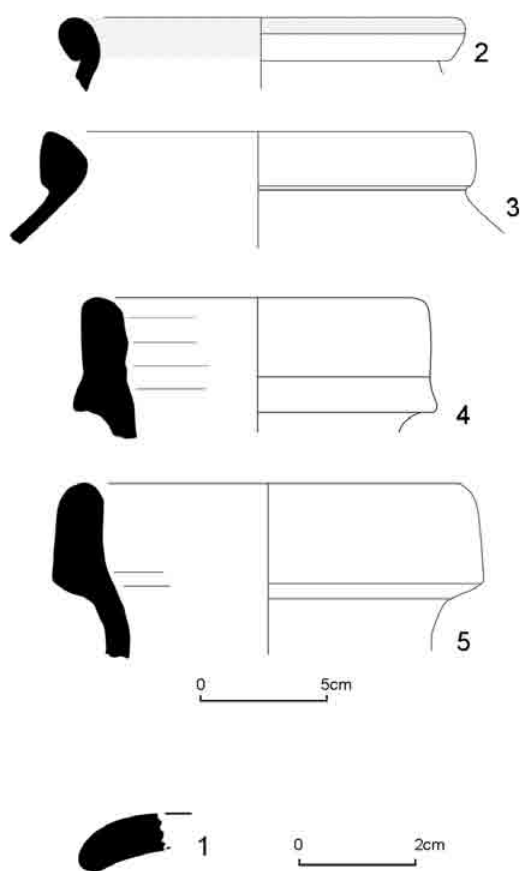


Fig. 4 - Travessa de João Galo, n.ºs 4-4B. Fase I. Cerâmica da Idade do Ferro (n.ºs 1-3) e da época romana (n.ºs 4 e 5). Desenhos de Susana Duarte.

cleo e superfícies de cor bege (Munsell 10YR 7/4). Torno. Diâmetro interno da boca *ca.* 120mm.

### Fase II (Cs. 8, 9 e 10A)

Do 3.º quartel do século I à 1.ª metade do século II. Ocorre a primeira construção de alvenaria (Estrutura 1), erguida provavelmente no terceiro quartel do século I; parece ter feito parte de armazém de ânforas do tipo Dressel 14, que teria funcionado até à primeira metade do século II.

### Estruturas arquitectónicas (Fig. 3)

*Estrutura 1.* – Qs. B-D/3. Muro de orientação ENE-WSW. Prolongava-se sob os edifícios actuais

que limitam a área escavada a nascente e poente. Com a largura de 0,6m., conservava a altura máxima de *ca.* 0,9m, incluindo o alicerce. Este, formado por blocos de média dimensão (*ca.* 0,20-0,25m de dimensão máxima), em geral de brecha da Arrábida e ligados por argila, não oferecia qualquer ressalto na ligação com a parte subaérea; possuía 0,3m de altura e foi fundado nas areias da Camada 10. A parte subaérea, com 0,6m de altura máxima, foi construída com grandes blocos (chegavam a atingir 0,5m de dimensão máxima), também de brecha da Arrábida, mal aparelhados e ligados por argila vermelha.

O topo deste muro, quando bem conservado, apresentava remate de pequenos blocos que constituíam uma superfície horizontal sobre a qual teria assentado estrutura de taipa.

Encontrava-se em conexão com o solo de *habitat* (de areia argilosa compactada) da Camada 9. Teria limitado, a sul, espaço coberto por telhado de imbrices, que armazenava ânforas principalmente da forma Dressel 14.

### Conjuntos artefactuais (Figs 5 -7)

A cerâmica fina de mesa (n.ºs. 6-18 – Fig. 5) é pouco frequente, permitindo, contudo, atribuir cronologia compreendida entre o 3.º quartel do século I e a 1.ª metade do século seguinte. Surgiram somente 20 exemplares de *terra sigillata* (Quadro 1) que se distribuem por *sigillata sudgálica* (formas Drag.15-17, Drag. 24/25, Drag. 27, Drag.30(?) e Drag.37) e *sigillata hispânica* (formas Drag.15/17, Drag. 27 e Drag. 35/36). Um exemplar de *sigillata* sudgálica, marmoreada, apresenta marca de oleiro: **RISPVS** As *paredes finas* são ainda em menor número: 1 fragmento da forma Mayet XXXIV.

A cerâmica comum (n.ºs. 19-28 – Fig. 6) é igualmente pouco abundante (Quadro 2). Predomina o tacho de bordo horizontal dobrado sobre o ombro, tipo São Cucufate (SC) VII-A-1 (Vaz Pinto, 2003), forma muito comum em todo o Sul de Portugal, em contextos do Alto Império, como está bem patente no vale do Sado, na olaria do Pinheiro (Mayet & Tavares da Silva, 1998), embora a sua ocorrência se prolongue, com frequências relativas menos acentuadas, pelo Bai-

xo Império, como é ilustrado pela sua distribuição estratigráfica em São Cucufate (Vaz Pinto, 2003, p.318) e na própria Travessa de João Galo (Quadro 2).

A esmagadora maioria desta cerâmica comum possui pasta característica das produções do Sado (Mayet *et al*, 1996). Só dois exemplares foram importados: um almofariz da forma Dramont D2, itálico – n.º 28 –, cuja produção é datável do período situado entre Tibério e meados do século II (Quaresma, 2006) e um fragmento (não figurado no catálogo) de fundo de prato de grande diâmetro com “engobe vermelho pompeiano”, produzido provavelmente na Campânia, durante os séculos I a.C. e I d.C., com acentuada expansão a partir de Augusto. Possui pasta de cor castanho-avermelhada (Munsell 2.5YR 4/4), que, à lupa binocular, é de aspecto esponjoso, com abundantes e.n.p. de cor negra (atingem frequentemente 1mm e distribuem-se de modo regular), de quartzo hialino, angulosos, e de quartzo leitoso. O engobe, presente somente na superfície interna, é espesso, muito aderente, de brilho mate e cor vermelha (Munsell 10R 4/7). A superfície externa, rugosa, é castanho-acinzentada escura em resultado da acção do fogo.

As ânforas (Quadro 3) dominam nos níveis da Fase II, com 126 exemplares providos de bordo (pertencentes a distintos indivíduos – NMI), e 2 quase inteiros, mas sem bordo. Predomina esmagadoramente o tipo Dressel 14 (123 exs.) com pasta afim da das ânforas produzidas no Sado (Mayet *et al*, 1996), nas variantes morfológicas A (n.º 30), B (n.ºs 32 - 35) e C (n.º 36). A variante A é datável do 2.º e 3.º quartéis do século I; a B, da segunda metade do mesmo século; e a C, do século II (Mayet & Tavares da Silva, 1998, p. 62-63).

Um fragmento de asa de ânfora Dressel 14 apresenta a marca **MO** (n.º 38), marca, por enquanto, exclusiva da área urbana de Setúbal (Coelho-Soares & Tavares da Silva, 1978; Tavares da Silva & Coelho-Soares, 1980-81).

Além das ânforas Dressel 14, há a registar 3 exemplares, também do Alto Império, importados da Bética e pertencentes aos tipos Beltran IIB (n.º29) e Dressel 20 (n.ºs 41 e 42) com lábios datáveis, respectivamente, da segunda metade do século I (podendo atingir o 1.º quartel do século II) e da 1.ª metade do século II (Martin - Kilcher, 1983).

### *Cerâmica fina de mesa (Fig. 5)*

**6** - J.G./154. Q. C3. C.10A. *Terra sigillata* sudgálica. Forma Drag. 15/17.

**7** - J.G./31. Q. C4. C.8. *Terra sigillata* sudgálica. Forma Drag. 24/25. Diâmetro interno da boca 76mm.

**8** - J.G./156. Q. D4. C.8. *Terra sigillata* sudgálica. Forma Drag. 27. Diâmetro interno da boca *ca.* 70mm.

**9** - J.G./153. Q. C4. C.10A. *Terra sigillata* sudgálica. Drag.30 (?). Decoração: fiadas oblíquas de motivos vegetais triangulares imbricados. Pannel com figuras humanas em posição de luta (?).

**10** - J.G./160. Q. D5. C.8. *Terra sigillata* sudgálica. Drag.37. Decoração: friso superior formado por linha de óvulos, com lingueta tripartida, limitado por linhas onduladas e seguido de linha de festões que integram folhas cordiformes, alternando com elementos vegetais suspensos por linhas onduladas verticais. Diâmetro interno da boca 130mm.

**11** - J.G./624. Q. C4. C.8. *Terra sigillata* sudgálica. Forma indeterminada. Decoração: parte posterior de animal em posição de corrida.

**12** - J.G./587. Q. C4. C.9. *Terra sigillata* sudgálica. Forma indeterminada. Decoração: figura humana muito incompleta.

**13** - J.G./36. Q. C5. C.8. *Terra sigillata* sudgálica. Forma indeterminada. Decoração: indefinida.

**14** - J.G./202. Q. C3. C.8. *Terra sigillata* sudgálica. Forma indeterminada. Decoração: linha de óvulos com lingueta tripartida.

**15** - J.G./176. Q. C5. C.10A. *Terra sigillata* sudgálica. Forma indeterminada. No fundo interno, a marca RISPVS(M?), com os S retrógrados, pertencente a oleiro do Sul da Gália que trabalhou sob Cláudio-Vespasiano (Oswald, 1931, p. 265).

**16** - J.G./99. Q. C4. C.8. *Terra sigillata* hispânica (Andujar). Drag. 15/17. Diâmetro interno da boca *ca.* 200mm.

**17** - J.G./19. Q. C4. C.8. *Terra sigillata* hispânica. Drag. 27. Diâmetro interno da boca *ca.* 140mm.

**18** - J.G./26. Q. C5. C.8. *Terra sigillata* hispânica. Forma Drag. 35/36. Diâmetro interno da boca *ca.* 110mm.

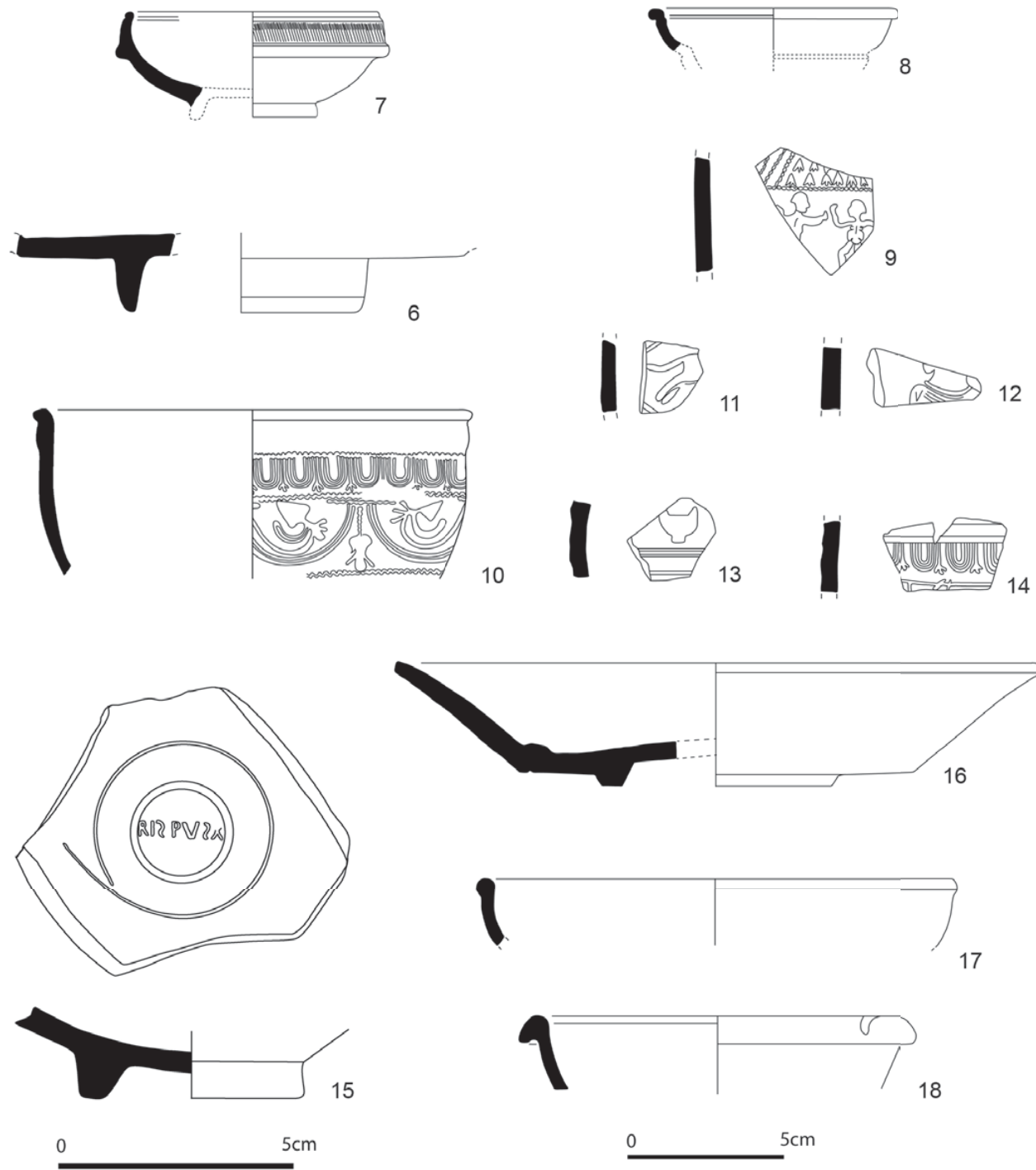


Fig. 5 - Travessa de João Galo, nºs 4-4B. Fase II. *Terra sigillata* sudgálica. (nºs 6-15) e hispânica (nºs 16-18). Desenhos de Susana Duarte.

**Cerâmica comum de produção local/regional (Fig. 6, n.ºs 19-27)**

**19** - J.G./134. Q. C4. C.10A. Tigela de bordo simples (SC<sup>3</sup> III-B-2). Pasta fina e compacta. Cor/cozedura: 3.3. Superfícies alisadas, de cor amarelo-avermelhada (Munsell 7.5YR 6/6); fractura com zonas superficiais da cor das superfícies e núcleo cinzento escuro. Torno. Diâmetro interno da boca *ca.* 150mm.

**20** - J.G./84. Q. C5/D5. C.9. Tigela hemisférica de bordo ligeiramente espessado e introvertido (SC III-B-2). Pasta fina e compacta. Cor/cozedura: 2. Superfícies bem alisadas cinzento-escuras a castanho-escuras (Munsell 7.5YR 4/1 e 4/2). Fractura cinzento-escura. Torno. Diâmetro interno da boca *ca.* 110mm.

**21** - J.G./161. Q. C4. C.9. Tacho de bordo horizontal dobrado sobre o ombro (SC VII-A-1). Pasta fina a média, compacta. Cor/cozedura: 1. Superfícies alisadas e de cor vermelho-amarelada (Munsell 5YR 5/6); fractura da cor das superfícies. Torno. Diâmetro interno da boca *ca.* 23mm.

**22** - J.G./116. Q. C4. C.9. Tacho de bordo horizontal dobrado sobre o ombro (SC VII-A-1). Pasta de textura média e compacta. Cor/cozedura: 1. Superfície externa bem alisada com bandas horizontais brunidas, de cor castanho-avermelhada (Munsell 5YR 4/4) com manchas cinzento-escuras; superfície interna decorada e de cor vermelha (Munsell 2.5YR 5/6); fractura da cor da superfície interna. Torno. Diâmetro interno da boca 180mm.

**23** - J.G./8. Q. C3. C.9. Tacho de bordo ligeiramente oblíquo de secção sub-rectangular (SC VII-B-2). Pasta fina e compacta. Cor/cozedura: 3.2. Superfícies alisadas, a exterior cinzenta escura a negra e a interna castanha (Munsell 10YR 5/3); fractura vermelha (Munsell 2.5YR 4/6). Torno. Diâmetro interno da boca *ca.* 150mm.

**24** - J.G./64. Q. C4/D4. C.10A. Tacho de bordo em aba (SC VII-B-3). Pasta média e compacta. Cor/cozedura: 1/3.2. Superfície externa alisada de cor cinzenta muito escura/negra em resultado de utilização ao fogo; superfície interna alisada de cor castanha (Munsell 7.5YR 5/3); fractura castanha (Munsell 7.5YR 4/4). Torno. Diâmetro interno da boca *ca.* 240mm.

**25** - J.G./24. Q. D3. C.8. Tacho de bordo em aba oblíqua descolado do bojo (SC VII-B-3). Pasta média e compacta. Cor/cozedura: 1. Superfícies e fractura de cor

cinzenta escura/negra. Superfície externa alisada com filetes/bandas horizontais brunidos e com restos de fuligem aderente. Torno. Diâmetro interno da boca *ca.* 140mm.

**26** - J.G./43. Q. C5/D5. C.9. Potinho de bordo e parede em S formando garganta interna (SC X-B-2). Pasta fina e compacta. Cor/cozedura: 3.2. Superfície externa alisada e de cor cinzento-escura; a interna de cor vermelha (Munsell 2.5YR 5/6); Fractura da cor da superfície interna Torno. Diâmetro interno da boca *ca.* 130mm.

**27** - J.G./643. Q. D5. C.8. Bilha de colo alto, estreito e cilíndrico (*af.* SC XII-C-3). Pasta fina e compacta. Cor/cozedura: 1. Superfícies alisadas e castanho-claras (Munsell 7.5YR 6/4); fractura de cor castanha (Munsell 7.5YR 5.5/4). Torno. Diâmetro interno da boca 40mm; altura do colo 75mm.

**Cerâmica comum de importação (Fig. 6, n.º 28)**

**28** - J.G./143. Q. C4. C.10A. Almofariz da forma Dramont D2. Pasta fina e compacta, em que a maior parte dos e.n.p. visíveis com ampliação de 30x são inferiores a 0,5mm (numerosos os de cor negra); apresentam-se dispersos por massa homogénea, cujos componentes quase não são visíveis com a mesma ampliação. Cor/cozedura 1. Superfícies alisadas de cor rosada clara (Munsell 7.5YR 7/3); fractura da cor das superfícies. Torno. Diâmetro interno da boca: *ca.* 340mm. Produção itálica.

**Ânforas (Fig. 7)**

**29** - J.G./141. Q. C4. C.10A. Ânfora da forma Beltran IIB. Fractura e superfícies de cor bege (Munsell 10YR 8/4). Pasta com abundantes e.n.p. em geral menores que 0,02mm (grãos de quartzo; formações vacuolares de cor branca; inclusões de aspecto ferruginoso; elementos de cor negra). Diâmetro interno da boca *ca.* 160mm. Produção da Bética.

**30** - J.G./131. Q. C-D/4. C.10A. Ânfora da forma Dressel 14, variante A. Superfícies vermelho-claras (Munsell 10R 5/6); fractura da cor das superfícies com núcleo cinzento escuro. Pasta de aspecto esponjoso (fendas e alvéolos) com abundantes grãos de quartzo (em geral não superiores a 0,5mm), sendo ainda de destacar a presença de inclusões de cor negra (raramente >0,3mm), de moscovite e vermelhas (cerâmica moída?). Diâmetro interno da boca *ca.* 140mm. Produção do Sado (Mayet *et al.*, 1996).

3 - SC: iniciais do topónimo São Cucufate.

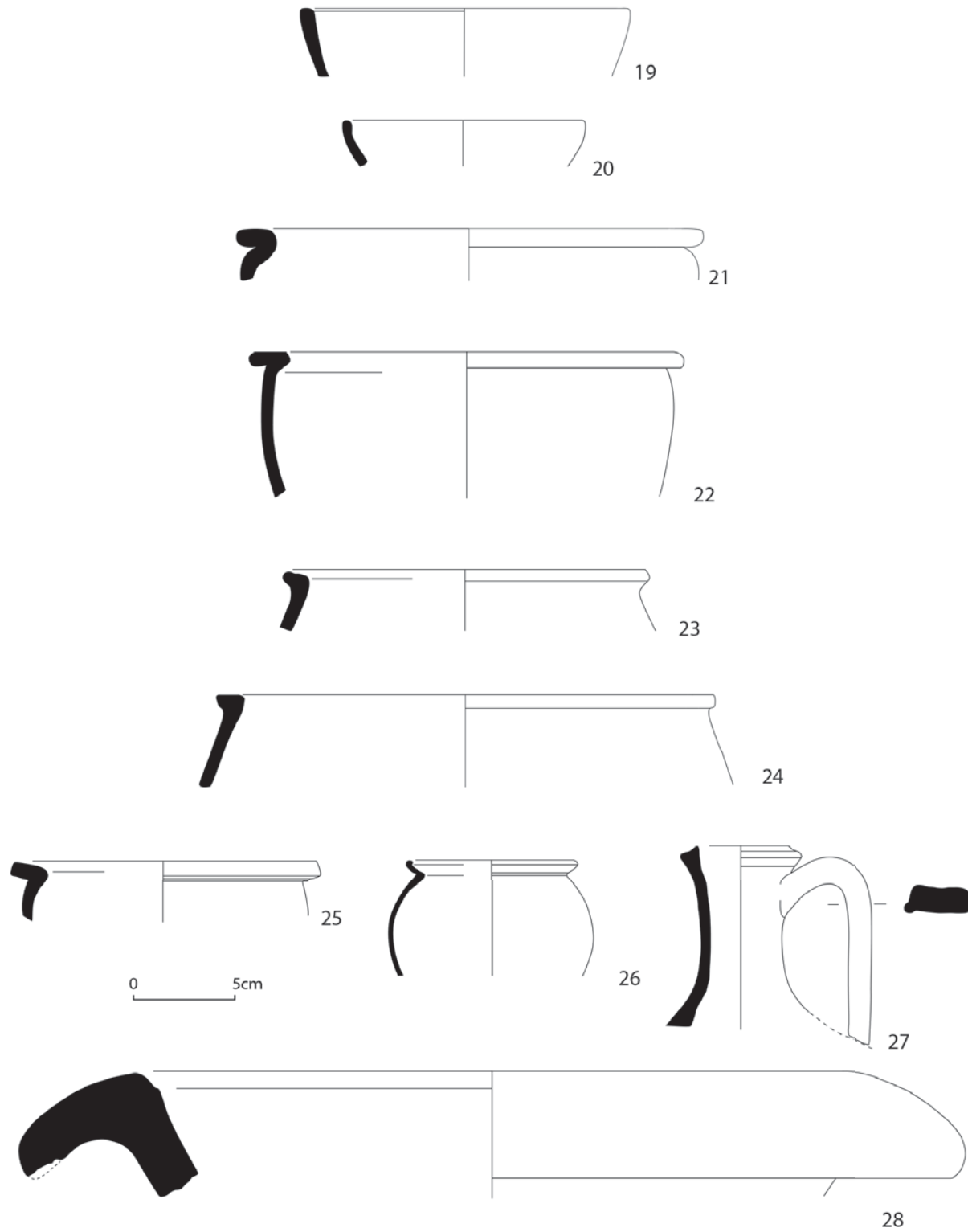


Fig. 6 - Travessa de João Galo, nºs 4-4B. Fase II. Cerâmica comum. Desenhos de Susana Duarte.

**31** - J.G./165. Q. C4. C.9. Ânfora da forma Dressel 14, variante A. Superfícies castanho-avermelhadas (Munsell 5YR 5/4) manchadas de cinzento escuro; fractura da cor das superfícies. Pasta semelhante à do nº30. Diâmetro interno da boca *ca.* 140mm. Produção do Sado.

**32** - J.G./133. Q.D5. C.10A. Ânfora da forma Dressel 14, variante B. Superfícies de cor vermelha (Munsell 2.5YR 5/6); fractura vermelho-clara (Munsell 10YR 6/6). Pasta semelhante à do nº30. Diâmetro interno da boca *ca.* 110mm. Produção do Sado.

**33** - J.G./163. Q.D4. C.8. Ânfora da forma Dressel 14, variante B. Superfícies de cor vermelho-amarelada (Munsell 5YR 5.5/6); fractura vermelha (Munsell 2.5YR 5.5/6). Pasta semelhante à do nº30. Diâmetro interno da boca *ca.* 140mm. Produção do Sado.

**34** - J.G./577. Q.C5/D5. C.9 Ânfora da forma Dressel 14, variante B. Superfícies vermelhas (Munsell 2.5YR 5.5/6), manchadas de cinzento. Pasta semelhante à do nº30. Diâmetro interno da boca 130mm. Produção do Sado.

**35** - J.G./162. Q.C-D/4. C.10A. Ânfora da forma Dressel 14, variante B. Superfícies e fractura amarelo-avermelhadas (Munsell 5YR 6/6). Pasta semelhante à do nº30. Diâmetro interno da boca 140mm. Produção do Sado.

**36** - J.G./45. Q.C-D/5. C.9. Ânfora da forma Dressel 14, variante C. Superfícies e fractura vermelhas (Munsell 10R 5/6), manchadas de cinzento. Pasta semelhante à do nº30. Diâmetro interno da boca *ca.* 120mm. Produção do Sado.

**37** - J.G./177. Q.D5. C.9. Ânfora da forma Dressel 14. Superfícies e fractura vermelhas (Munsell 2.5YR 5/6), manchadas de cinzento. Pasta semelhante à do nº30. Altura do bojo 530mm; Diâmetro externo do bojo 310mm. Produção do Sado.

**38** - J.G./191. Q. D5. C.9. Ânfora da forma Dressel 14. Superfícies de cor vermelha (Munsell 2.5YR 4.5/6), a externa manchada de cinzento escuro; fractura da cor das superfícies, com núcleo-avermelhado (Munsell 5YR 4/4). Pasta semelhante à do nº30. Altura do bojo *ca.* 450mm; diâmetro externo do bojo 290mm; altura do pé 140mm. Produção do Sado.

**39** - J.G./164. Q.C3. C.9. Fragmento de asa de ânfora da forma Dressel 14 com marca **MO**. Superfícies engobadas de cor vermelho-escura (Munsell 7.5Y 5/4); fractura vermelho-amarelada (Munsell 5YR 5.5/6). Pasta semelhante à do nº30. Produção do Sado.

**40** - J.G./365. Q.C4. C.9. Opérculo de ânfora. Superfícies e fractura vermelho-amareladas. Pasta semelhante à do nº30. Diâmetro 105mm. Produção do Sado.

**41** - J.G./138. Q.C4. C.10A. Ânfora da forma Dressel 20. Superfícies e fractura castanho-claras (Munsell 7.5YR 6/4 e 6.5/4). Pasta compacta em que se salienta, em geral com 0,5mm de diâmetro, grãos de quartzo muito dispersos (aspecto porfiroide). Diâmetro interno da boca *ca.* 90mm. Produção da Bética (Vale do Guadalquivir).

**42** - J.G./33. Q.D5. C.8. Ânfora da forma Dressel 20. Superfícies e fractura de cor bege (Munsell 10 YR 7.5/3). Pasta semelhante à do nº41. Diâmetro interno da boca *ca.* 120 mm. Produção da Bética (Vale do Guadalquivir).

### Fase III (Cs. 6 e 7)

Século II (segunda metade). Construção, utilização e abandono (C.6) das Estruturas 2 e 3 (a última corresponde, por hipótese, à base de edifício público e monumental de que também faria parte enorme cornija de calcário) e do pavimento de gravilha da C.7.

### Estruturas arquitectónicas (Fig. 3)

*Estrutura 2.* – Qs. C-D/5. Muro de orientação E-W. Interrompia-se a meio do Q. C5 e prolongava-se sob o edifício actual que limitava a escavação a nascente. Conservava a altura máxima de 1,1m, incluindo o alicerce. Este, com 0,7m de altura, saliente cerca de 0,06m relativamente à face sul da parte subaérea, e fundado nas Camadas 8, 9 e 10, foi construído com blocos pequenos e médios (0,2-0,25m de dimensão máxima), sobretudo de calcário comum, mas também de brecha da Arrábida, ligados por argamassa de cal e areia.

A parte subaérea, com 0,65m de largura e conservando 0,5m de altura, era formada por grandes blocos (0,45m de dimensão máxima) bem aparelhados, predominantemente de calcário (menos frequentes os de arenito vermelho e brecha da Arrábida).

A Estrutura 2 estava em conexão com o piso de gravilha da Camada 7, e seria contemporâneo da Estrutura 3, a que era perpendicular.

*Estrutura 3.* – Qs. B/4-5. Plataforma pouco elevada (cerca de 0,2m acima do topo do respectivo alicerce), de comprimento e largura indeterminados (dimensões máximas, observadas segundo os eixos

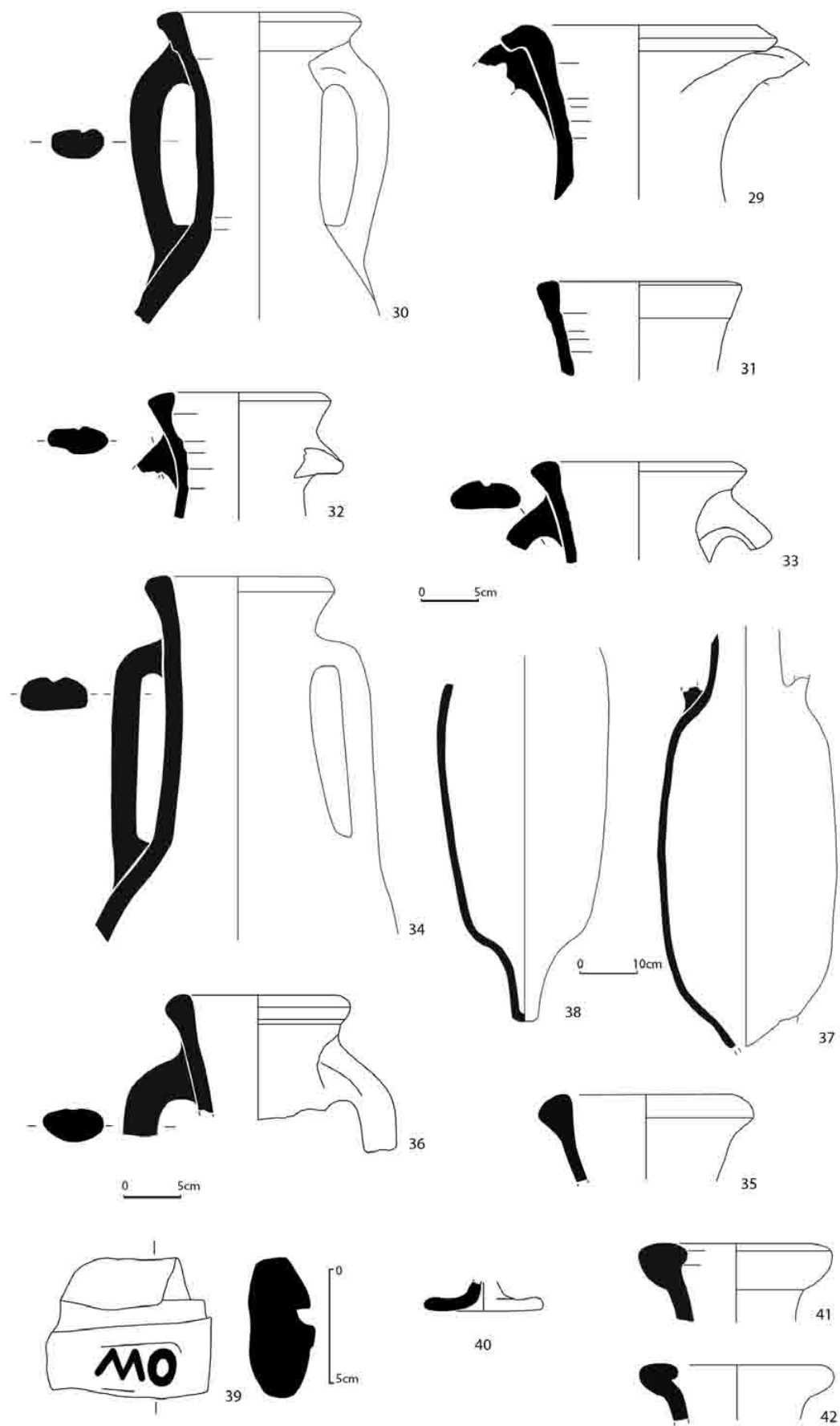


Fig. 7 - Travessa de João Galo, n°s 4-4B. Fase II. Ânforas. Desenhos de Susana Duarte.



N-S, 3,2m, e E-W, 1,3m); prolongava-se sob o edifício actual que limitava a oeste a área escavada. Um alicerce com 0,85m de altura para uma parte subaérea tão pouco elevada faz supor que este envasamento suportaria edifício de certa grandiosidade.

O paramento este da parte subaérea mostra-se construído com grandes blocos. A superfície da parte superior era formada por blocos pequenos e médios e por fragmentos de tijoleira colocados na horizontal, tudo ligado por abundante argamassa de cal e areia. É possível que essa superfície tivesse sido revestida por lajes de mármore, removidas quando o edifício foi abandonado, e algumas delas ainda presentes na C.2.

Caído parcialmente sobre a Estrutura 3 (Q.B5), surgiu um elemento arquitectónico de calcário branco provido de molduras, com 3,6m de comprimento, por 0,72m de largura e 0,34m de espessura, correspondente a uma enorme cornija (Figs. 3 e 8). A presença deste elemento representa mais um indício do carácter monumental do edifício de que faria parte a Estrutura 3.

Esse edifício abriria, por hipótese, para uma praça, cujo piso seria de gravilha (Camada 7).

Este piso seria pois contemporâneo das Estruturas 2 e 3. Com efeito, por um lado, ele selava a vala de construção da Estrutura 3 e, por outro, encostava-se à base da parede da Estrutura 2, imediatamente acima do topo do respectivo alicerce.

### Conjuntos artefactuais (Fig. 9)

A C.7 (piso de gravilha) revelou-se arqueologicamente estéril e a C.6 (de abandono) forneceu escasos artefactos: cerâmica fina de mesa reduzida apenas a 2 fragmentos de *terra sigillata* hispânica de forma indeterminada e a 2 fragmentos de *sigillata* africana A (formas Hayes 9B e 14A/B); ânforas (3 exemplares com lábio) do tipo Dressel 14, variante C. De assinalar

o aparecimento de uma asa de ânfora Dressel 14 com a marca ]O (n.º 47) que deverá corresponder a [M] O.

Hayes propôs, em 1972, para a sua forma 9B de *sigillata* africana, a datação da segunda metade do século II, mas na revisão a que procedeu, em 1980, essa cronologia é prolongada até às primeiras décadas do século III.

As formas Hayes 14A e 14B foram datadas por este autor, respectivamente, de meados do século II e da segunda metade do mesmo século, podendo prolongar-se pelos inícios do século seguinte (Hayes, 1972, p. 41). Para Bonifay (2004), a 14A localiza-se cronologicamente na passagem do século II para o III, enquanto a 14B seria da primeira metade do século III. Quaresma coloca a hipótese do início da produção das formas Hayes 14A, 14B e 16 ter ocorrido em meados do século II, “embora ainda de um modo tímido, só se tornando pleno nos finais dessa centúria” (Quaresma, 2012, p. 166).

O único exemplar de cerâmica comum exumado da C. 6, uma tigela carenada de importação, afim da forma SC III-A-4, bem como a ânfora Dressel 14, variante C não contrariam, em termos gerais, as cronologias sugeridas pela *sigillata* africana A.

### Cerâmica fina de mesa (Fig. 9, n.ºs 43 e 44)

43 - J.G./44. Q.C4. C.6. Sigillata africana A. Forma Hayes 9B. Diâmetro interno da boca *ca.* 130mm.

44 - J.G./583. Q.B4. C.6. Sigillata africana A. Forma Hayes 14A/B. Diâmetro interno da boca indeterminado.

### Cerâmica comum de importação (Fig. 9, n.º 45)

45 - J.G./56. Q. D4. C.6. Tigela carenada com a parte superior da parede ligeiramente inclinada para o

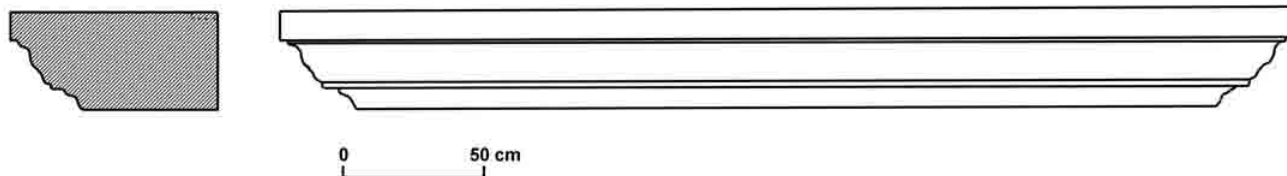


Fig. 8 - Travessa de João Galo, n.ºs 4-4B. Fase III. Elemento arquitectónico (cornija) de calcário.

interior e bordo simples (SC: III-A-4). Pasta muito fina (raros e.n.p. visíveis à vista desarmada) e muito compacta, rica em grãos de quartzo  $\leq 0,1\text{mm}$  e com elementos de cor branca, dispersos, em geral com  $0,2\text{mm}$ ; presença de moscovite. Cor/cozedura 1. Superfícies bem alisadas, de cor bege (Munsell 10YR 7/3); fractura de cor castanho-pálida (Munsell 10YR 6.5/3). Torno. Diâmetro interno da boca  $150\text{mm}$ ; altura total  $55\text{mm}$ ; altura da carena  $35\text{mm}$ .

#### Ânforas (Fig. 9, n<sup>os</sup> 46 e 47)

**46** - J.G./41. Q. C5. C.6. Ânfora da forma Dressel 14, variante C. Superfície externa de cor castanho-clara (Munsell 7.5YR 6/4); superfície interna e fractura de cor vermelha (Munsell 2.5YR 5.5/6);. Pasta semelhante à do n<sup>o</sup> 30. Diâmetro interno da boca *ca.*  $140\text{mm}$ . Produção do Sado.

**47** - J.G./42. Q. C4. C.6. Ânfora da forma Dressel 14. Fragmento de asa com a marca ]O. Superfícies e fractura vermelho-amareladas (Munsell 5YR 6/6). Pasta semelhante à do n<sup>o</sup>30. Produção do Sado.

#### Fase IV (Cs. 3, 4 e 5)

Séculos IV-V. Com duas subfases construtivas: à mais antiga pertencem as Estruturas 4 e 5, e à mais recente, a Estrutura 6. Função habitacional. Abertura de fossas, que atingem em profundidade a C.10, relacionáveis com o desmantelamento e aproveitamento de pedra de estruturas de fases anteriores.

#### Estruturas arquitectónicas (Fig. 3)

*Estrutura 4.* – Q. C5. Muro que prolonga para oeste o muro da Estrutura 2. Esta, construída na Fase III, é reutilizada na Fase IV. A Estrutura 4, com  $1,1\text{m}$  de comprimento,  $0,65\text{m}$  de largura e conservando a altura máxima de  $0,55\text{m}$ , não possuía alicerce, assentando directamente sobre o pavimento de gravilha da C.7. Era constituída por grandes blocos de calcário ( $0,45\text{m}$  de dimensão máxima) e arenito vermelho ligados por argamassa de cal e areia.

*Estrutura 5.* – Qs. C-D/5. Lareira de planta sub-retangular, com *ca.*  $1,3\text{m}$  de comprimento por  $0,8\text{m}$  de largura, construída com fragmentos de tijo-

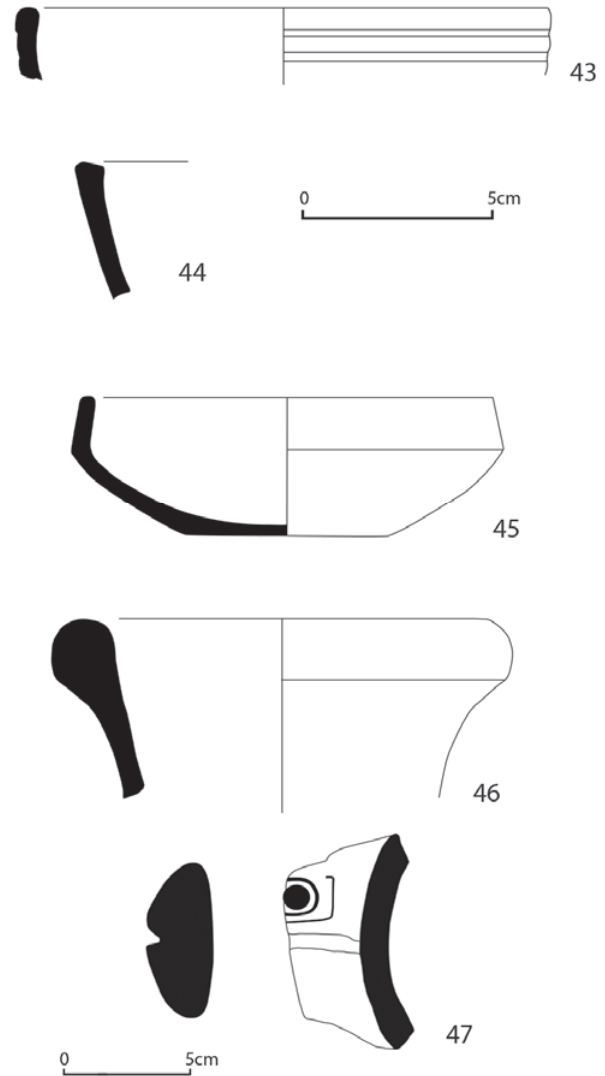


Fig. 9 - Travessa de João Galo, n<sup>os</sup> 4-4B. Fase III. *Sigillata* africana A (n<sup>os</sup> 43 e 44), cerâmica comum (n<sup>o</sup> 45) e ânforas (n<sup>os</sup> 46 e 47). Desenhos de Susana Duarte.

leira, por vezes sobrepostos em duas camadas. O seu lado sul era parcialmente limitado por fiada de tijoleiras fragmentadas colocadas verticalmente. A Estrutura 5 encontrava-se em conexão com piso de terra batida rico em carvões e cinzas, e encostava o seu lado norte à face sul do muro da Estrutura 2, que embora construído na Fase III, foi reutilizado na Fase IV.

*Estrutura 6.* – Qs. C5, D4 e D5. Pavimento (C.3) com  $0,05\text{m}$  de espessura, constituído por argamassa muito rica em cal.

**Conjuntos artefactuais (Figs. 10-13)**

Surgiram 1 fragmento de *sigillata* sudgálica (Quadro 1), de forma indeterminada, e 6 de *sigillata* hispânica de forma também indeterminada, que estariam fora do seu contexto original; a restante cerâmica fina de mesa, constituída por 6 fragmentos de *sigillata* africana C (1 da forma Hayes 50B e 5 de forma indeterminada) e 20 fragmentos de africana D (12 de forma determinável: Hayes 59, 60, 61, 63, 67 e 91A/B), parece bem contextualizada e sugere, para a Fase IV, cronologia centrada na segunda metade do século IV e primeira metade do século seguinte, embora as formas Hayes 59 e 61 tenham tido o seu início na primeira metade do século IV e as Hayes 67 e 91 se prolonguem para além de meados do século V, podendo suceder o mesmo com a Hayes 59 (discussão da cronologia desta forma em Bourgeois & Mayet, 1991, p. 295, e em Quaresma, 2012, p. 198).

A cerâmica comum (Quadro 2) é abundante e diversificada, evidenciando o carácter doméstico da C.5. Com efeito, estão presentes quase todos os grupos morfofuncionais da cerâmica comum; dominam as panelas (principalmente as de colo curto e estrangulado e bordo em aba horizontal ou oblíqua voltada para o exterior) e os tachos (os mais abundantes possuem bordo horizontal dobrado sobre o ombro); seguem-se, por ordem decrescente de frequência, os pratos, potes, tigelas, alguidares, potinhos e talhas. É quase exclusivamente de fabrico local ou regional.

No que se refere ao material anfórico (Quadro 3), há a considerar a presença dos tipos Almagro 50, Almagro 51a-b, variante B e Almagro 51c, variantes B e C, todos eles produzidos no Baixo Sado (Mayet & Tavares da Silva, 1998), em cujas olarias ocorrem em contextos de meados do século III ao pleno século IV (tipos Almagro 50 e Almagro 51c, variante B) e da segunda metade do século IV a meados do século V (Almagro 51 a-b, variante B e Almagro 51c, variante C).

**Cerâmica fina de mesa (Figs. 10 e 11)**

**48** - J.G./597. Q.C4. C.5. *Sigillata* africana C. Forma Hayes 50B. Diâmetro interno da boca *ca.* 290mm.

**49** - J.G./152. Q.C5. C.4. *Sigillata* africana D. Forma Hayes 59. Diâmetro interno da boca *ca.* 220mm.

**50** - J.G./615. Q.C4. C.5. *Sigillata* africana D. Forma Hayes 59. Diâmetro interno da boca *ca.* 280mm.

**51** - J.G./119. Q.C3. C.5. *Sigillata* africana D. Forma Hayes 59. Diâmetro interno da boca indeterminado.

**52** - J.G./145. Q.D4. C.5. *Sigillata* africana D. Forma Hayes 60. Diâmetro interno da boca *ca.* 280mm.

**53** - J.G./149. Q.D5. C.5. *Sigillata* africana D. Forma Hayes 61. Diâmetro interno da boca *ca.* 240mm.

**54** - J.G./117. Q.D4. C.5. *Sigillata* africana D. Forma Hayes 61. Diâmetro interno da boca *ca.* 360mm.

**55** - J.G./369. Q.B4. C.4. *Sigillata* africana D. Forma Hayes 61. Diâmetro interno da boca *ca.* 260mm.

**56** - J.G./642. Q.D5. C.4. *Sigillata* africana D. Forma Hayes 63. Diâmetro interno da boca *ca.* 280mm.

**57** - J.G./121. Q.D4. C.5. *Sigillata* africana D. Forma Hayes 67. Diâmetro interno da boca *ca.* 340mm.

**58** - J.G./619. Q.D5. C.5. *Sigillata* africana D. Forma Hayes 91A/B. Diâmetro interno da boca indeterminado.

**59** - J.G./288. Q.D4. C.4. *Sigillata* africana D. Forma indeterminada, com decoração estampada: palmeta Hayes IV, estilo A(ii) e rosácea Hayes 52.

**60** - J.G./620. Q.D4. C.5. *Sigillata* africana D. Forma indeterminada, com decoração estampada: palmeta e crescente.

**Cerâmica comum de produção local/regional (Fig. 12)**

**61** - J.G./81. Q.D3. C.4. Prato de parede ligeiramente arqueada e bordo simples (SC I-A-1). Pasta fina. Cor/cozedura 1. Superfície externa bem alisada de cor vermelho-acastanhada (Munsell 5YR 5/4); com manchas anegradas; superfície interna alisada da mesma cor da superfície externa; fractura vermelha (Munsell 10R 4/6) com zonas intermédias castanho-amareladas (Munsell 10YR 5/6). Torno. Diâmetro interno da boca *ca.* 230mm.

**62** - J.G./38. Q.D4. C.5. Alguidar (SC V-A-3). Pasta compacta de textura média. Cor/cozedura 3.3. Superfícies alisadas castanho-avermelhadas (Munsell 2.5YR 5/3 e 5YR 5/4); manchadas de cinzento escuro.

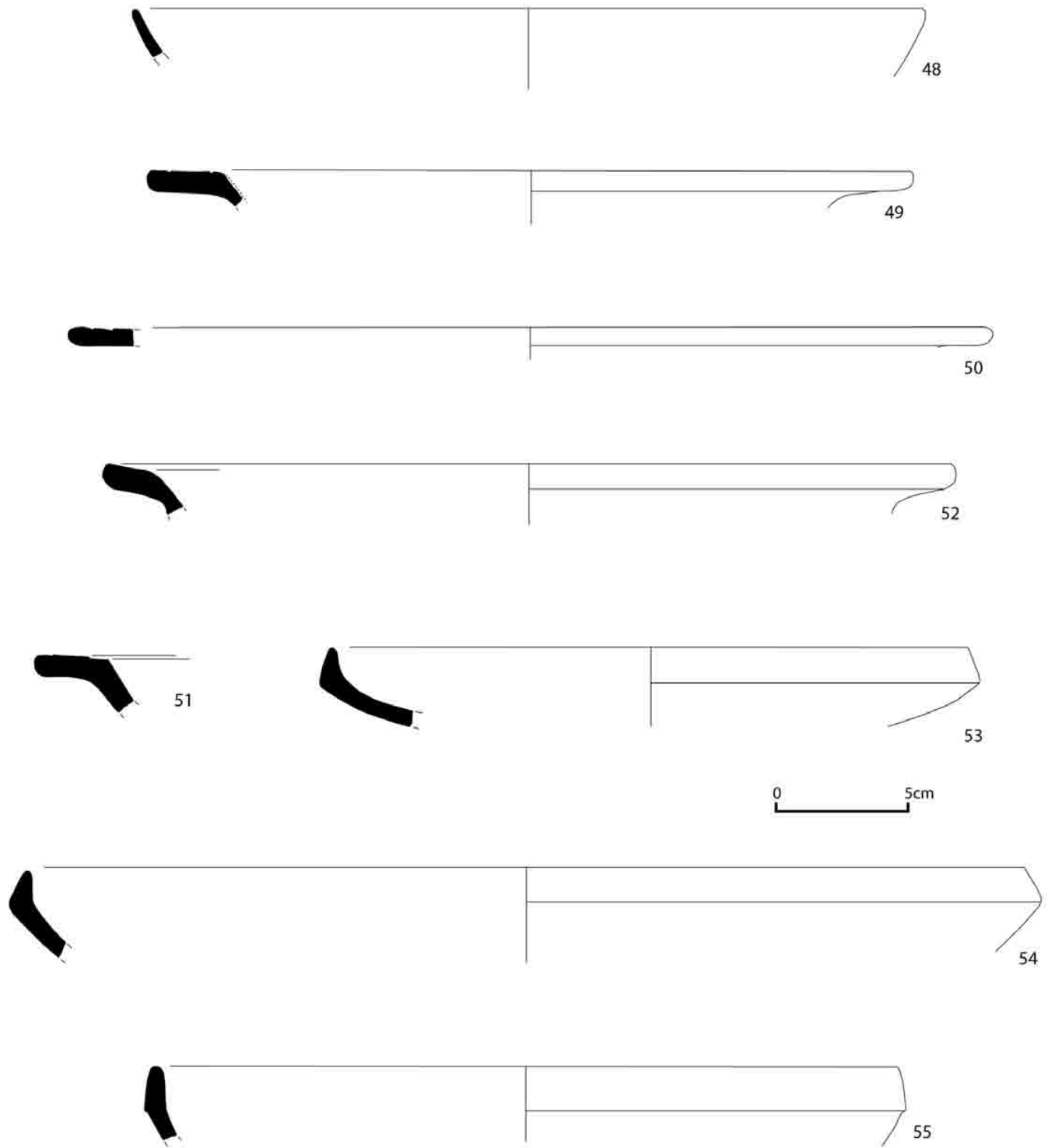


Fig. 10 - Travessa de João Galo, n°s 4-4B. Fase IV. *Sigillata* africana C (n° 48) e D (n° 49-55). Desenhos de Susana Duarte.

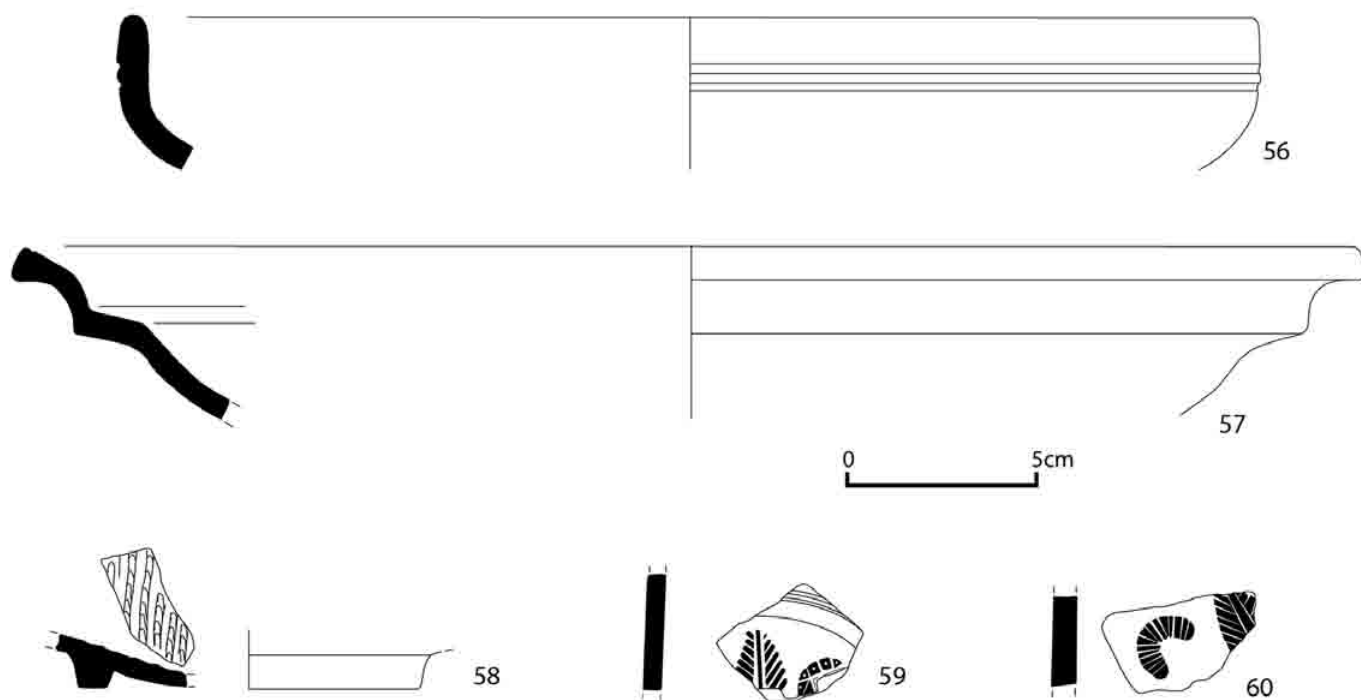


Fig. 11 - Travessa de João Galo, n.ºs 4-4B. Fase IV. *Sigillata* africana D. Desenhos de Susana Duarte.

ro; fractura com núcleo cinzento-esverdeado (Munsell 10YR 5/4) com zonas superficiais vermelhas (Munsell 2.5YR 5/6). Torno. Diâmetro interno da boca *ca.* 300mm.

**63** - J.G./39. Q.C3. C.5. Tacho de bordo dobrado sobre o ombro (SC VII-A-1). Pasta fina. Cor/cozedura 1. Superfícies alisadas, a externa de cor vermelho-pálida (Munsell 10YR 6/2) com bandas horizontais anegradas, e a interna vermelho-clara (Munsell 2.5YR 6/6); fractura vermelha (Munsell 2.5YR 5/6). Torno. Diâmetro interno da boca *ca.* 190mm.

**64** - J.G./91. Q.D5. C.5. Panela de bordo oblíquo, ligeiramente amendoado, bojo ovoide (SC VIII-B-2). Pasta compacta de textura média. Cor/cozedura 1. Superfícies alisadas, a externa de cor castanho-avermelhada (Munsell 5YR 5/3) e a interna castanho-avermelhada clara (Munsell 5YR 6/4); fractura vermelha (Munsell 2.5YR 5/6). Torno. Diâmetro interno da boca *ca.* 110mm.

**65** - J.G./596. Q.D4. C.4. Panela de bordo oblíquo e voltado para fora; bojo esferoidal (SC VIII-B-2). Pasta compacta de textura média. Cor/cozedura 1. Superfícies alisadas de cor vermelha (Munsell 2.5YR 5.5/6), a externa com extensas manchas anegradas; fractura da cor das superfícies. Torno. Diâmetro interno da boca 150mm; diâmetro interno do bojo 260mm; altura 210mm.

**66** - J.G./15. Q.D5. C.5. Panela de bordo em aba horizontal (cf. SC VIII-B-5). Pasta compacta de textura média. Cor/cozedura 1. Superfícies alisadas de cor igual à da fractura: castanho-avermelhada (Munsell 5YR 5.5/4) Torno. Diâmetro interno da boca *ca.* 100mm.

**67** - J.G./92. Q.C3. C.5. Panela de bordo em aba horizontal (SC VIII-B-5). Pasta fina/média e compacta. Cor/cozedura 1. Superfícies erodidas de cor castanha (Munsell 10YR 5.5/3); fractura vermelho-amarelada (Munsell 5YR 5/6). Torno. Diâmetro interno da boca *ca.* 180mm.

**68** - J.G./94. Q.D4. C.5. Panela de bordo extrovertido, formando pequena aba (SC VIII-B-5). Pasta fina. Cor/cozedura 1. Superfícies alisadas, rosadas (Munsell 5YR 7/3); fractura rosada (Munsell 5YR 6/6). Torno. Diâmetro interno da boca *ca.* 130mm.

**69** - J.G./96. Q.D5. C.5. Panela de bordo arqueado extrovertido (SC VIII-B-7). Pasta compacta fina/média. Cor/cozedura 2. Superfícies alisadas, a externa cinzento-escuro e a interna, bem como a fractura, castanho-acinzentadas (Munsell 7.5YR 5/2). Torno. Diâmetro interno da boca: *ca.* 130mm.

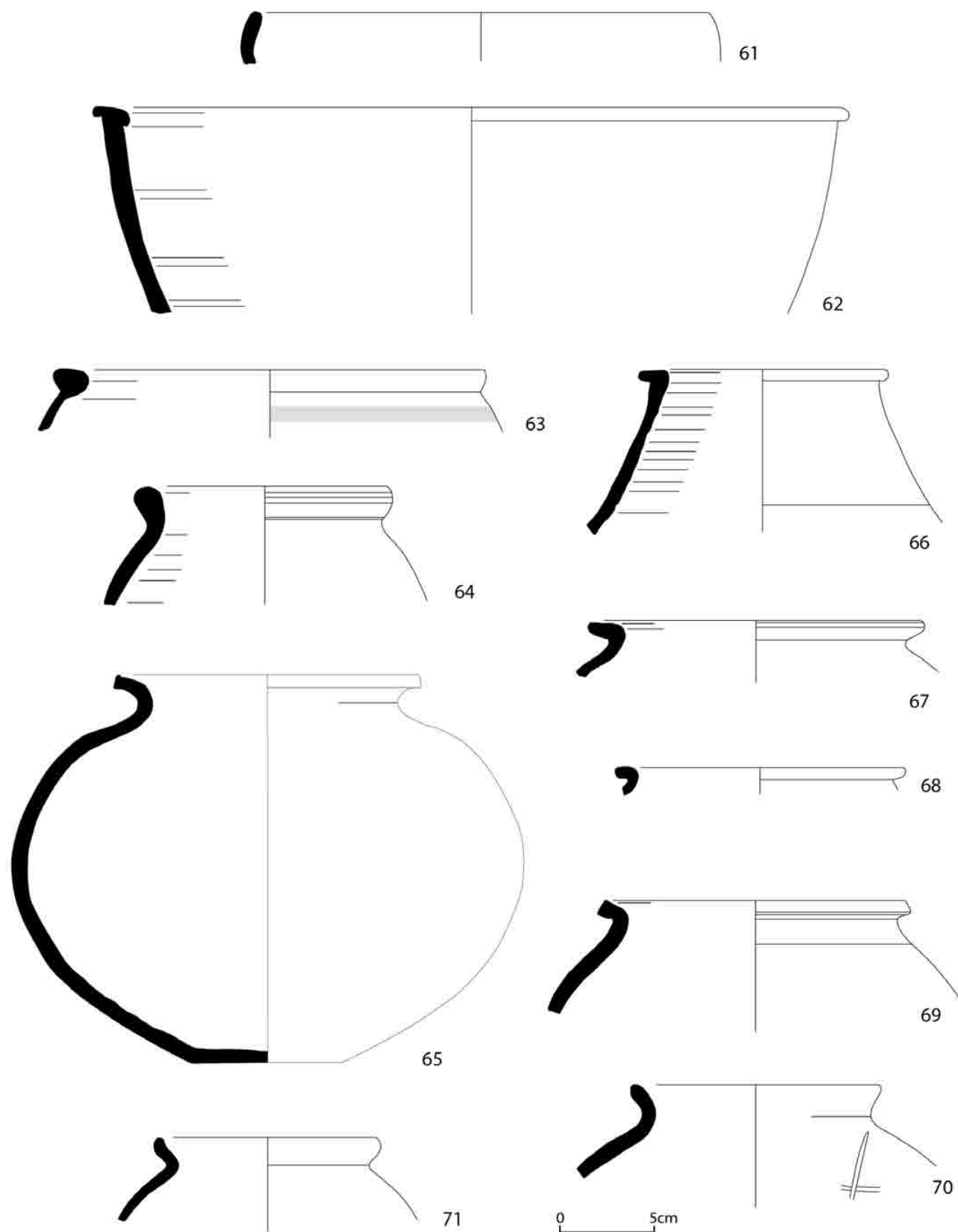


Fig. 12 - Travessa de João Galo, nºs 4-4B. Fase IV. Cerâmica comum. Desenhos de Susana Duarte.

**70** - J.G./16. Q.C3. C.4. Panela de bordo arqueado, acentuadamente extrovertido, colo curto e estrangulado (SC VIII-B-7). Pasta de textura média. Cor/cozedura 1. Superfícies alisadas de cor vermelho-clara (Munsell 10R 6/6), a externa com manchas anegradas; fractura vermelha (Munsell 10R 6/8). Grafito em cruz na superfície externa. Torno. Diâmetro interno da boca *ca.* 120mm.

**71** - J.G./88. Q.C4. C.4. Panela formando garganta interna (SC VIII-C-1). Pasta de textura média. Cor/cozedura 1. Superfície externa bem alisada com zonas horizontais brunidas; superfície interna alisada; ambas de cor vermelho-clara (Munsell 2.5YR 6/6); fractura vermelha (Munsell 2.5YR 4/6). Torno. Diâmetro interno da boca *ca.* 110mm.

### Ânforas (Fig. 13)

**72** - J.G./118. Q.D5. C.5. Ânfora da forma Almagro 50. Superfície externa de cor vermelho-pálida (Munsell 10R 7/4); manchada de branco (concreções calcárias); superfície interna cinzento-avermelhada (Munsell 2.5YR 6/1); fractura vermelha (Munsell 2.5YR 4.5/6). Pasta semelhante à do nº30. Diâmetro interno da boca 110mm. Produção do Sado (Mayet *et al.*, 1996).

**73** - J.G./40. Q.C4. C.5. Ânfora da forma Almagro 51c, variante C. Superfície externa vermelha (Munsell 2.5YR 5/6), manchada de cinzento; superfície interna vermelho-clara (Munsell 2.5YR 6/8); fractura com núcleo cinzento. Pasta semelhante à do nº30. Diâmetro interno da boca 85mm. Produção do Sado.

**74** - J.G./9. Q.C5. C.5. Ânfora da forma Almagro 51 a-b, variante B. Superfícies alisadas, a externa anegrada e a interna castanho-avermelhada (Munsell 2.5YR 5/4), manchada de cinzento; fractura vermelha (Munsell 2.5YR 5.5/6). Pasta semelhante à do nº 30. Diâmetro interno da boca *ca.* 70mm. Produção do Sado.

**75** - J.G./37. Q.C3. C.5. Ânfora da forma Almagro 51 a-b, variante B. Superfícies de cor castanha (Munsell 7.5YR 5/4); fractura vermelho-amarelada (Munsell 5YR 4/6); Pasta semelhante à do nº30. Diâmetro interno da boca *ca.* 80mm. Produção do Sado.

### Fase V (C. 2)

Século VI (com provável início na segunda metade do século V e prolongamento pelo século

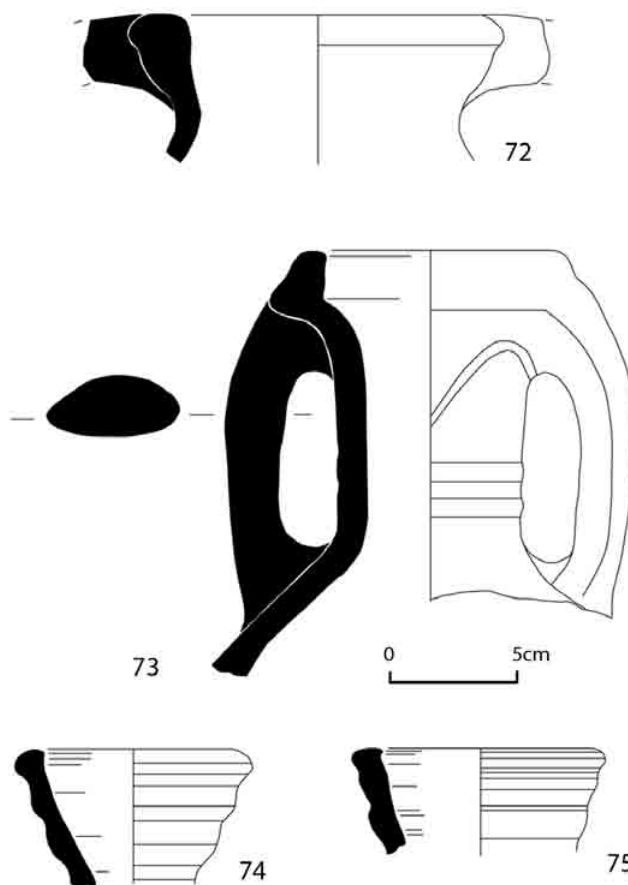


Fig. 13 - Travessa de João Galo, n.ºs 4-4B. Fase IV. Ânforas. Desenhos de Susana Duarte.

VII). Lixeira doméstica alto medieval formada após o abandono do pavimento da C.3.

### Conjuntos artefactuais (Figs. 14-18)

A C.2 forneceu numerosos fragmentos de *sigillata* (Quadro 1) quase exclusivamente africana D (tipos Hayes 91, 99, 103, 104/105); um dos exemplares, de forma indeterminada, apresenta-se decorado por palmetas Hayes 4, estilo A(ii), associadas a rosácea Hayes 52. Foram ainda identificados: 1 exemplar de *sigillata* foceense tardia da forma Hayes 3 (n.º 82) e 2 exemplares (n.ºs. 83 e 84) de cerâmica estampada cinzenta, também conhecida por *sigillata* paleocristã, um deles da forma 1 ou 3 de Rigoir.

Este conjunto de cerâmica fina, que se centra cronologicamente no século VI (podendo, em alguns casos, remontar à segunda metade do século V e, em outros, prolongar-se pelo século VII), sugere que durante o período alto medieval a povoação de Setúbal continua a consumir produtos importados, originários não só da actual Tunísia, mas também da Narbonense e da costa ocidental da actual Turquia (Mayet & Picon, 1986).

A cerâmica comum (Quadro 2) é muito abundante e diversificada (35 formas), o que reforça o ca-

rácter doméstico da C.2, predominando, com 62%, as panelas, que, na sua grande maioria, apresentam colo estrangulado e bordo arqueado, revirado para o exterior (formas São Cucufate VIII-B-7, VIII-B-7-a, VIII-B-7-b e VIII-B-8); seguem-se, por ordem decrescente de frequência, mas a considerável distância, os alguidares, os pratos, os tachos, as talhas, as tigelas, os potes e os pontinhos. De notar que o bordo dobrado sobre o ombro, tão comum em tachos (SC VII-A-1) da Fase II e ainda relativamente abundante na Fase IV (19%), se reduz, na Fase V, a 6%.

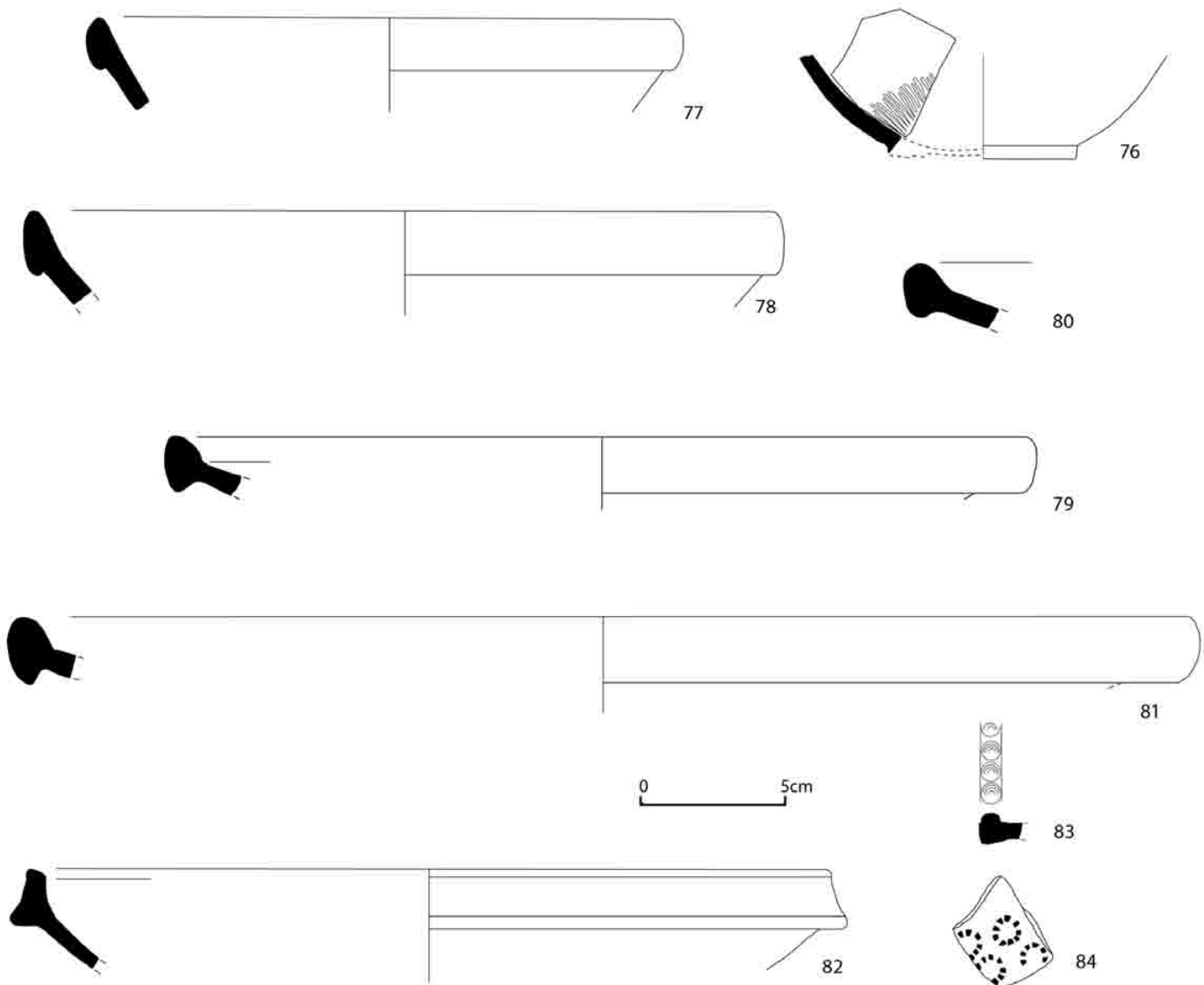


Fig. 14 - Travessa de João Galo, n.ºs 4-4B. Fase V. *Sigillata* africana D (n.ºs 76-81), *sigillata* focense tardia (n.º 82) e cerâmica estampada cinzenta (n.ºs 83 e 84). Desenhos de Susana Duarte.



Por exame macroscópico das pastas, verificámos que a totalidade da cerâmica comum da Fase V teria sido produzida local ou regionalmente. Nesta fase, a cozedura em ambiente redutor, ainda que, em numerosos casos, com arrefecimento oxidante, foi muito mais frequente do que na Fase II, e ocorre a montagem manual.

As ânforas (Quadro 3) estão representadas pela Almagro 51c (que predomina, sobretudo na sua variante C), Almagro 51a-b (variante C), Sado 2 e Sado 3.

Todas as ânforas da Fase V mostram pasta atribuível a fabrico local/regional.

#### *Cerâmica fina de mesa (Fig. 14)*

**76** - J.G./580. Q.C5. C.2. *Sigillata* africana D. Forma Hayes 91.

**77** - J.G./472. Q.C4. C.2. *Sigillata* africana D. Forma Hayes 99. Diâmetro interno da boca *ca.* 200mm.

**78** - J.G./359. Q.C5. C.2. *Sigillata* africana D. Forma Hayes 99. Diâmetro interno da boca *ca.* 250mm.

**79** - J.G./187. Q.B4. C.2. *Sigillata* africana D. Forma Hayes 104/105. Diâmetro interno da boca *ca.* 300mm.

**80** - J.G./314. Q.D4. C.2. *Sigillata* africana D. Forma Hayes 104/105. Diâmetro interno da boca indeterminado.

**81** - J.G./398. Q.C4. C.2. *Sigillata* africana D. Forma Hayes 104/105. Diâmetro interno da boca *ca.* 390mm.

**82** - J.G./7. Q.C3. C.2. *Sigillata* fuceense tardia. Forma Hayes 3. Diâmetro interno da boca *ca.* 270mm.

**83** - J.G./113. Q.C3. C.2. Cerâmica estampada cinzenta. Forma 1 ou 3 de Rigoir. Fragmento de bordo em aba “rebordada numa sugestão de pérolas” (Alarcão, 1965, p. 194); pasta dura e fina (sem e.n.p. visíveis a olho nu) de cor cinzento-esverdeada (Munsell 1G 6/10y); superfícies com engobe cinzento-esverdeado escuro (Munsell 1G 4/10y). Diâmetro interno da boca indeterminado.

**84** - J.G./384. Q.B4. C.2. Cerâmica estampada cinzenta. Forma indeterminada. Superfície externa (?) decorada por série de circunferências denteadas. Pasta dura com raros e.n.p. visíveis a olho nu, de cor negra. A superfície decorada é bem alisada e de cor cinzento-escura (Munsell 10YR 4/1); a outra é alisada-tosca e negra.

#### *Cerâmica comum de produção local/regional (Figs 15-17)*

**85** - J.G./57. Q.C3. C.2. Prato covo, de parede arqueada e bordo introvertido (SC I-A-6). Pasta compacta de textura fina/média. Cor/cozedura 1. Superfícies de cor castanho-avermelhadas (Munsell 5YR 5/4), bem alisadas e com zonas horizontais brunidas. Torno. Diâmetro interno da boca *ca.* 400mm; altura *ca.* 65mm.

**86** - J.G./222. Q.B4. C.2. Prato carenado de bordo oblíquo introvertido (SC I-B-9). Pasta compacta de textura média. Cor/cozedura 3.2. Superfícies alisadas, a externa cinzenta escura e a interna castanha (Munsell 7.5YR 5/3). Torno. Diâmetro interno da boca *ca.* 260mm.

**87** - J.G./221. Q.B4. C.2. Prato de bordo em aba saliente para o exterior (SC I-C-?). Pasta compacta, grosseira. Cor/cozedura 3.4. Superfícies alisadas de cor cinzento-escura com manchas castanho-avermelhadas (Munsell 7.5YR 6/4); fractura vermelho-amarelada (Munsell 5YR 5/6). Torno. Diâmetro interno da boca *ca.* 390mm; altura *ca.* 50mm.

**88** - J.G./444. Q.D3. C.2. Tigela carenada de bordo ligeiramente introvertido (SC III-C-5). Pasta compacta e fina. Cor/cozedura 3.3. Superfícies alisadas de cor castanho-avermelhada (Munsell 5YR 5/4); fractura com núcleo cinzento-escuro entre zonas da cor das superfícies. Torno. Diâmetro interno da boca *ca.* 180mm; altura *ca.* 100mm.

**89** - J.G./468. Q.C5. C.2. Alguidar de bordo com espessamento externo arredondado e parede ligeiramente arqueada (SC V-A-3). Pasta compacta de textura média. Cor/cozedura 1. Superfícies alisadas de cor castanho-avermelhada (Munsell 5YR 5/5); fractura da cor das superfícies. Torno. Diâmetro interno da boca *ca.* 400mm.

**90** - J.G./430. Q.C4. C.2. Alguidar com o bordo em aba horizontal (SC V-B-1). Pasta pouco compacta e grosseira. Cor/cozedura 2. Superfícies alisadas de cor negra; fractura da cor das superfícies. Torno. Diâmetro interno da boca *ca.* 260mm; altura *ca.* 120mm.

**91** - J.G./386. Q.C5. C.2. Alguidar de bordo com espessamento de secção quadrangular (SC V-B-3-a). Pasta compacta de textura média. Cor/cozedura 3.3. Superfícies alisadas de cor castanho-clara (Munsell 7.5YR 6/4); fractura com núcleo cinzento-escuro entre zonas da cor das superfícies. Torno. Diâmetro interno da boca *ca.* 380mm.

**92** - J.G./3. Q.C3. C.2. Painel de bordo dobrado sobre o ombro e descolado do bojo (SC VIII-A-1). Pasta compacta e fina. Cor/cozedura 1. Superfície externa bem

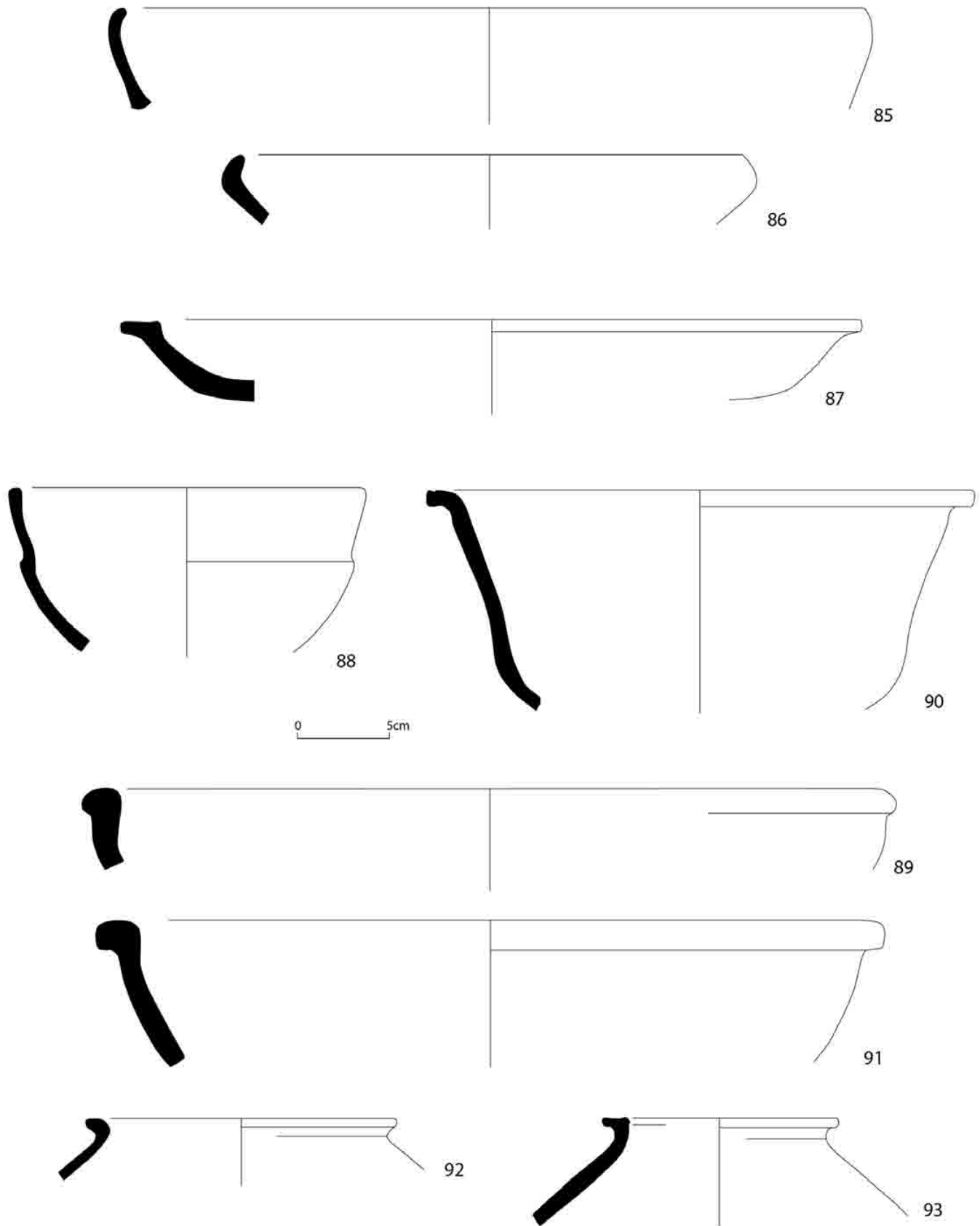


Fig. 15 - Travessa de João Galo, n°s 4-4B. Fase V. Cerâmica comum. Desenhos de Susana Duarte.

alisada de cor vermelho-clara (Munsell 2.5YR 6/4); superfície interna alisada e, tal como a fractura, castanho-avermelhada clara (Munsell 2.5YR 6/6). Torno. Diâmetro interno da boca *ca.* 150mm.

**93** - J.G./72. Q.B5. C.2. Painel de bordo em aba horizontal com depressão na face superior (SC VIII-B-1-a). Pasta compacta e fina. Cor/cozedura 3.2. Superfícies alisadas, a externa cinzento-escura (Munsell 5YR 4/1); e a interna castanho-clara (Munsell 7.5YR 6/4); fractura de cor rosada (Munsell 10R 6/6). Torno. Diâmetro interno da boca *ca.* 100mm.

**94** - J.G./147. Q.C5. C.2. Painel de bordo oblíquo com espessamento almendrado e extrovertido (SC VIII-B-2). Pasta compacta e grosseira. Cor/cozedura 2. Superfícies alisadas e, tal como a fractura, negras. Manual (?). Diâmetro interno da boca *ca.* 100mm.

**95** - J.G./238. Q.B4. C.2. Painel de bordo extrovertido e oblíquo (SC VIII-B-2). Pasta compacta e grosseira. Cor/cozedura 1. Superfície externa alisada; superfície interna alisada/tosca; cor das superfícies e da fractura castanho-clara (Munsell 7.5YR 6/4). Manual (?). Diâmetro interno da boca *ca.* 210mm.

**96** - J.G./60. Q.B5. C.2. Painel de bordo oblíquo e extrovertido (SC VIII-B-2). Pasta compacta de textura média. Cor/cozedura 3.3. Superfície externa alisada e superfície interna alisada tosca, ambas de cor vermelho-acinzentada (Munsell 2.5YR 5/2), com manchas cinzento-escuras; fractura com núcleo negro. Torno (?). Diâmetro interno da boca *ca.* 160mm.

**97** - J.G./212. Q.B4. C.2. Painel de bordo oblíquo, alongado e extrovertido (SC VIII-B-3-a). Pasta compacta de textura média. Cor/cozedura 1. Superfícies alisadas, de cor amarelo-avermelhada (Munsell 5YR 6/6), a externa com manchas cinzento-escuras; fractura da cor das superfícies. Torno (?). Diâmetro interno da boca *ca.* 160mm.

**98** - J.G./70. Q.C3. C.2. Painel de bordo oblíquo, alongado e ligeiramente extrovertido (SC VIII-B-3-a). Pasta compacta de textura média. Cor/cozedura 1. Superfícies alisadas, a externa com estreitas zonas horizontais brunidas; cor das superfícies e da fractura castanho-avermelhada (Munsell 5YR 5.5/4). Torno. Diâmetro interno da boca *ca.* 130mm.

**99** - J.G./397. Q.C4. C.2. Painel de bordo extrovertido, em aba oblíqua (SC VIII-B-5-a). Pasta compacta de textura média. Cor/cozedura 1. Superfícies alisadas, de cor castanho-avermelhada (Munsell 5YR 5/4), a externa com manchas cinzento-escuras; fractura da cor das superfícies. Torno. Diâmetro interno da boca *ca.* 190mm.

**100** - J.G./461. Q.C5. C.2. Painel de bordo espessado e extrovertido, formando pequena aba; colo alto e subcilíndrico (SC VIII-B-6). Pasta compacta e grosseira. Cor/cozedura 3.3. Superfícies alisadas, de cor castanho-avermelhada (Munsell 2.5YR 5/4), a externa com manchas cinzento-escuras; fractura da cor das superfícies com núcleo anegrado. Torno. Diâmetro interno da boca *ca.* 150mm.

**101** - J.G./21. Q.C3. C.2. Painel de colo alto, tronco-cónico; bordo extrovertido, formando pequena aba (SC VIII-B-6). Pasta compacta de textura média. Cor/cozedura 1. Superfícies alisadas, de cor castanho-clara (Munsell 7.5YR 6/6), a externa com manchas negras; fractura de cor semelhante à das superfícies. Torno (?). Diâmetro interno da boca *ca.* 130mm.

**102** - J.G./491. Q.C4. C.2. Painel de bordo arqueado e extrovertido (SC VIII-B-7). Pasta grosseira. Cor/cozedura 2. Superfícies alisadas, a externa de cor negra e a interna, tal como a fractura, cinzento-escura. Torno (?). Diâmetro interno da boca *ca.* 140mm.

**103** - J.G./271. Q.B4. C.2. Painel de bordo arqueado e extrovertido (SC VIII-B-7). Pasta compacta e grosseira. Cor/cozedura 2. Superfície externa alisada e a interna mal alisada; ambas anegradadas, tal como a fractura. Manual (?). Diâmetro interno da boca *ca.* 110mm.

**104** - J.G./49. Q.B5. C.2. Painel de bordo oblíquo e extrovertido (SC VIII-B-7-b). Pasta compacta de textura média. Cor/cozedura 1. Superfícies alisadas, de cor castanha (Munsell 7.5YR 5/5); fractura da cor das superfícies. Torno. Diâmetro interno da boca *ca.* 120mm.

**105** - J.G./231. Q.C5. C.2. Painel de bordo oblíquo e extrovertido (SC VIII-B-7-b). Pasta compacta de textura média/grosseira. Cor/cozedura 1. Superfícies alisadas, a externa castanho-avermelhada clara (Munsell 5YR 6/4), e a interna amarelo-avermelhada (Munsell 5YR 6/6); fractura com espesso núcleo castanho-amarelado (Munsell 2.5Y 6/3). Torno. Diâmetro interno da boca *ca.* 180mm.

**106** - J.G./232. Q.C5. C.2. Painel de bordo oblíquo e extrovertido (SC VIII-B-7-b). Pasta compacta de textura média. Cor/cozedura 1. Superfícies alisadas e, tal como a fractura, castanho-avermelhadas (Munsell 2.5YR 5/4). Torno. Diâmetro interno da boca *ca.* 120mm.

**107** - J.G./246. Q.C4. C.2. Painel de bordo oblíquo e extrovertido (SC VIII-B-7-b). Pasta compacta e grosseira. Cor/cozedura 2. Superfície externa bem alisada e negra; a interna, alisada e de cor castanho-escura (Munsell 7.5YR 5/3); fractura anegrada. Torno. Diâmetro interno da boca *ca.* 130mm.

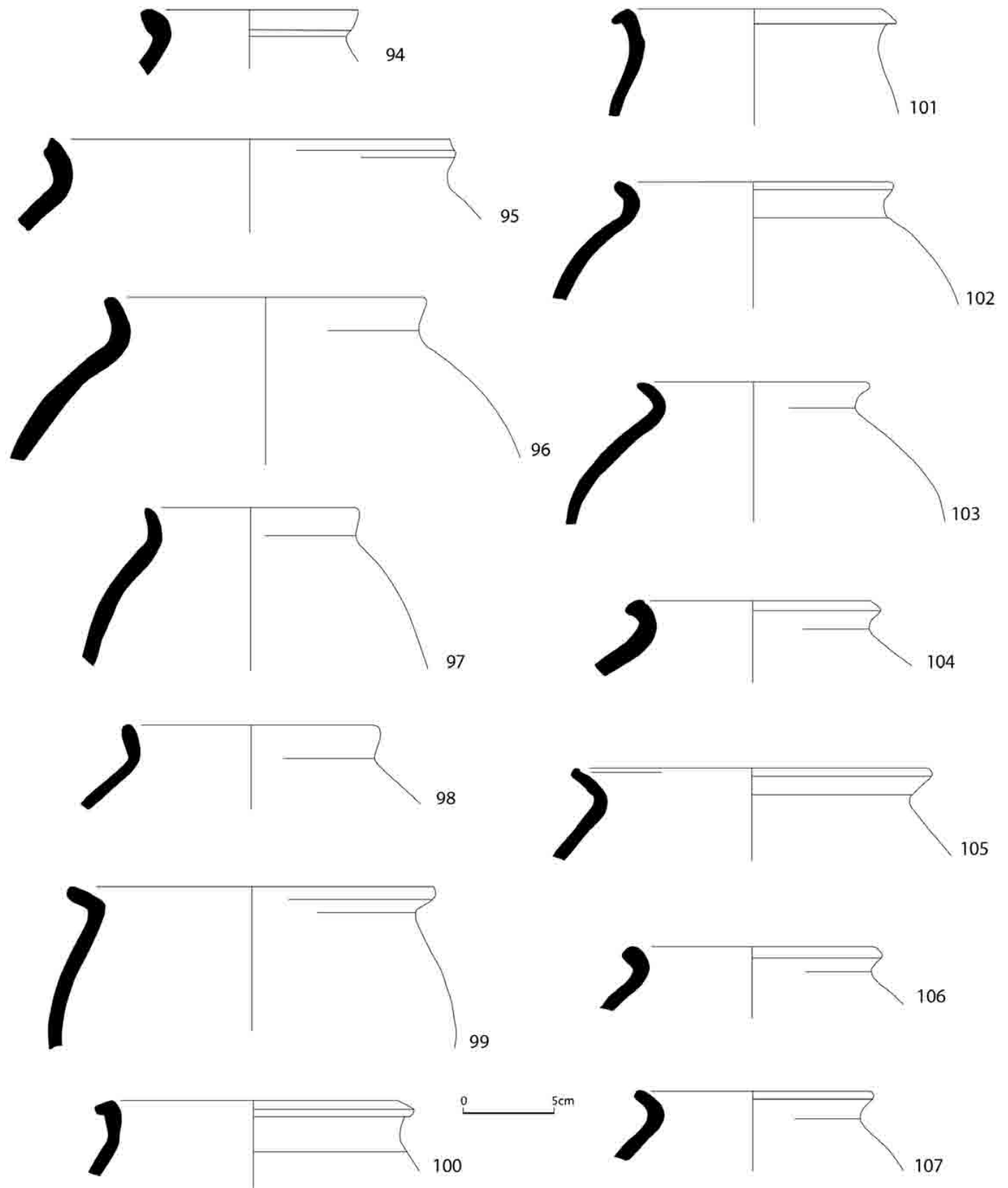


Fig. 16 - Travessa de João Galo, n°s 4-4B. Fase V. Cerâmica comum. Desenhos de Susana Duarte.

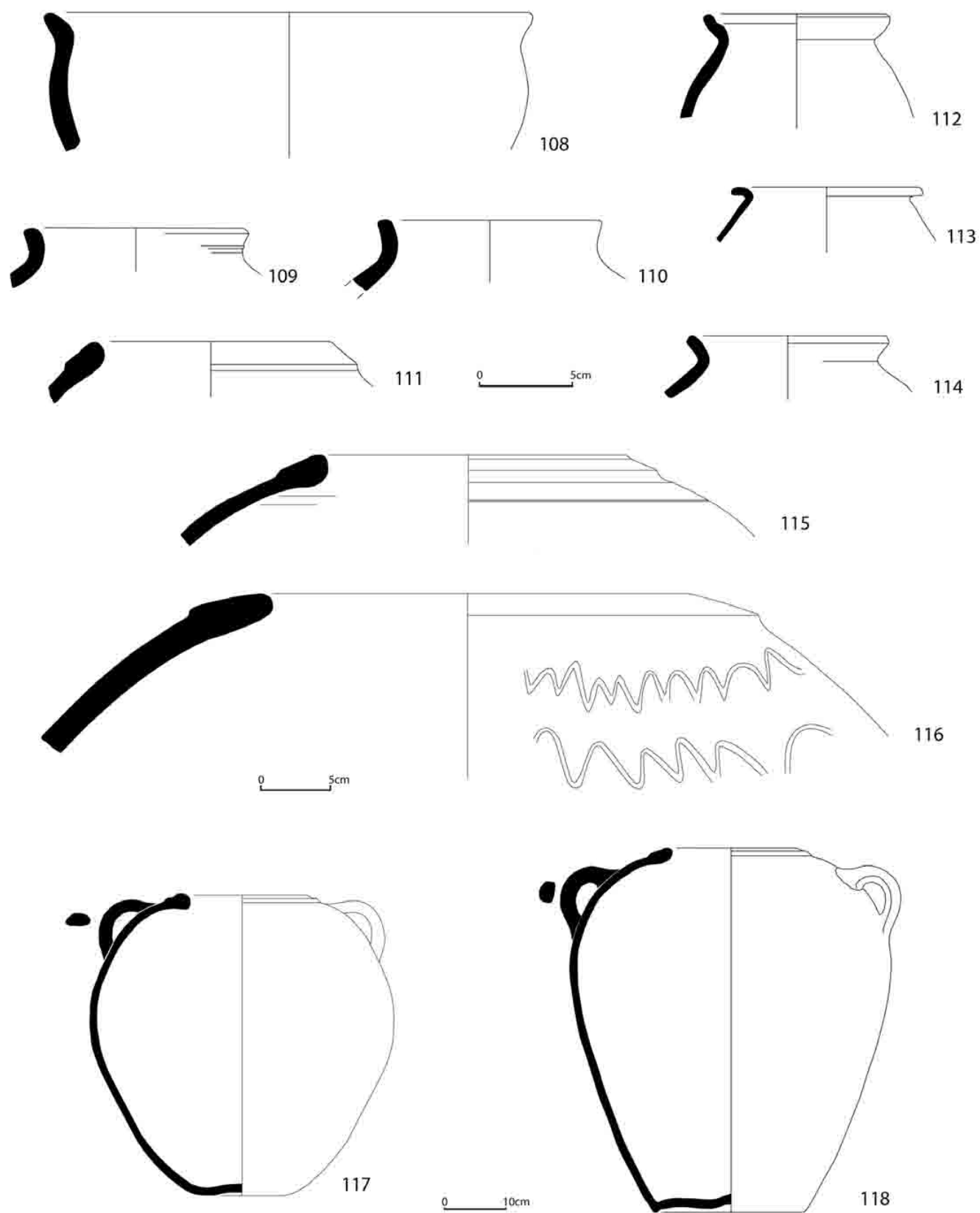


Fig. 17 - Travessa de João Galo, n.ºs 4-4B. Fase V. Cerâmica comum. Desenhos de Susana Duarte.

**108** - J.G./89. Q.B5. C.2. Painha de bordo oblíquo e extrovertido (SC VIII-B-7-b). Pasta compacta de textura média. Cor/cozedura 1. Superfície externa alisada; a interna mal alisada; ambas de cor vermelha (Munsell 2.5YR 5/6), a externa com manchas negras; fractura da cor das superfícies. Manual (?). Diâmetro interno da boca *ca.* 250mm.

**109** - J.G./308. Q.B4. C.2. Painha de bordo oblíquo ligeiramente oblíquo e pouco extrovertido (SC VIII-B-7-b). Pasta compacta de textura média. Cor/cozedura 1. Superfícies alisadas e de cor castanho-clara (Munsell 7.5YR 6/3), a externa muito manchada de cinzento escuro; fractura da cor das superfícies. Torno. Diâmetro interno da boca *ca.* 100mm.

**110** - J.G./55. Q.C3. C.2. Painha de colo alto e bordo simples na continuação do colo, ligeiramente arqueado para o exterior (SC VIII-B-8). Pasta compacta e grosseira. Cor/cozedura 3.2. Superfícies alisadas, a externa de cor negra e a interna castanho-avermelhada (Munsell 5YR 4.5/3); fractura negra. Manual(?). Diâmetro interno da boca *ca.* 100mm.

**111** - J.G./140. Q.D3. C.2. Pote de bordo reentrante e com espessamento em fita (SC IX-B-2-a). Pasta compacta e grosseira. Cor/cozedura 3.3. Superfícies alisadas, castanho-claras (Munsell 7.5YR 6/6); fractura com espesso núcleo anegrado. Torno. Diâmetro interno da boca *ca.* 120mm.

**112** - J.G./404. Q.C4. C.2. Pote de bordo extrovertido, formando garganta interna (SC IX-C-1). Pasta compacta e grosseira. Cor/cozedura 3.2. Superfície externa alisada e de cor negra; superfície interna mal alisada de cor castanho-clara (Munsell 7.5YR 6/3); fractura anegrada. Torno. Diâmetro interno da boca *ca.* 90mm.

**113** - J.G./75. Q.C5. C.2. Potinho de bordo em aba sub-horizontal (af. SC X-A-4). Pasta compacta e fina. Cor/cozedura 2. Superfícies negras; a externa alisada com zonas horizontais brunidas e a interna alisada; fractura negra. Torno. Diâmetro interno da boca *ca.* 80mm.

**114** - J.G./13. Q.C3. C.2. Potinho de bordo oblíquo e extrovertido (SC X-A-8). Pasta compacta de textura média. Cor/cozedura 2. Superfícies negras, com zonas horizontais brunidas; fractura negra. Torno. Diâmetro interno da boca *ca.* 100mm.

**115** - J.G./97. Q.C4. C.2. Talha de bordo horizontal com ligeiro espessamento de secção amendoada (SC XIII-A-1). Pasta compacta de textura média. Cor/

cozedura 1. Superfícies alisadas e, tal como a fractura, de cor castanho-avermelhada (Munsell 5YR 5/5). Torno. Diâmetro interno da boca *ca.* 200mm.

**116** - J.G./297. Q.B4 C.2. Talha de bordo horizontal com ligeiro espessamento de secção amendoada (SC XIII-A-1). Pasta compacta e grosseira. Cor/cozedura 1. Superfícies alisadas (a externa com decoração formada por duas fiadas horizontais de ziguezagues obtidos a punção rombo) e, tal como a fractura, de cor castanho-avermelhada (Munsell 5YR 5/5). Torno. Diâmetro interno da boca *ca.* 280mm.

**117** - J.G./578. Q.B4 C.2. Talha de bordo horizontal com ligeiro espessamento de secção amendoada (SC XIII-A-1). Pasta compacta de textura média. Cor/cozedura 1. Superfícies alisadas e de cor castanho-avermelhada (Munsell 2.5YR 5.5/4); fractura da cor das superfícies. Torno. Diâmetro interno da boca 155mm; diâmetro interno do bojo 460mm; altura 485mm.

**118** - J.G./190. Q.C4 C.2. Talha de bordo sub-horizontal com ligeiro espessamento de secção amendoada (SC XIII-A-1). Pasta compacta de textura fina. Cor/cozedura 3.3. Superfícies alisadas e de cor castanho-avermelhada (Munsell 5YR 5/3); fractura com o núcleo anegrado. Torno. Diâmetro interno da boca 190mm; diâmetro interno do bojo 480mm; altura 590mm.

### Ânforas (Fig. 18)

**119** - J.G./250. Q.B4. C.2. Ânfora da forma Almagro 51c, variante C. Superfícies castanho-avermelhadas (Munsell 5YR 5/3), com manchas anegradas; fractura de cor vermelha (Munsell 10R 5/6). Pasta semelhante à do nº30. Diâmetro interno da boca *ca.* 80mm. Produção do Sado.

**120** - J.G./87. Q.B5. C.2. Ânfora da forma Almagro 51c, variante C. Superfícies e fractura castanho-avermelhadas (Munsell 5YR 5/4). Pasta semelhante à do nº30. Diâmetro interno da boca 68mm. Produção do Sado.

**121** - J.G./439. Q.B4. C.2. Ânfora da forma Almagro 51a-b, variante C. Superfícies e fractura de cor castanho-clara (Munsell 7.5YR 4/6). Pasta semelhante à do nº30. Diâmetro interno da boca 72mm. Produção do Sado.

**122** - J.G./539. Q.B4. C.2. Ânfora da forma Sado 3. Superfícies e fractura amarelo-avermelhadas (Munsell 5YR 6/6). Pasta semelhante à do nº30. Diâmetro interno da boca 112mm. Produção do Sado.

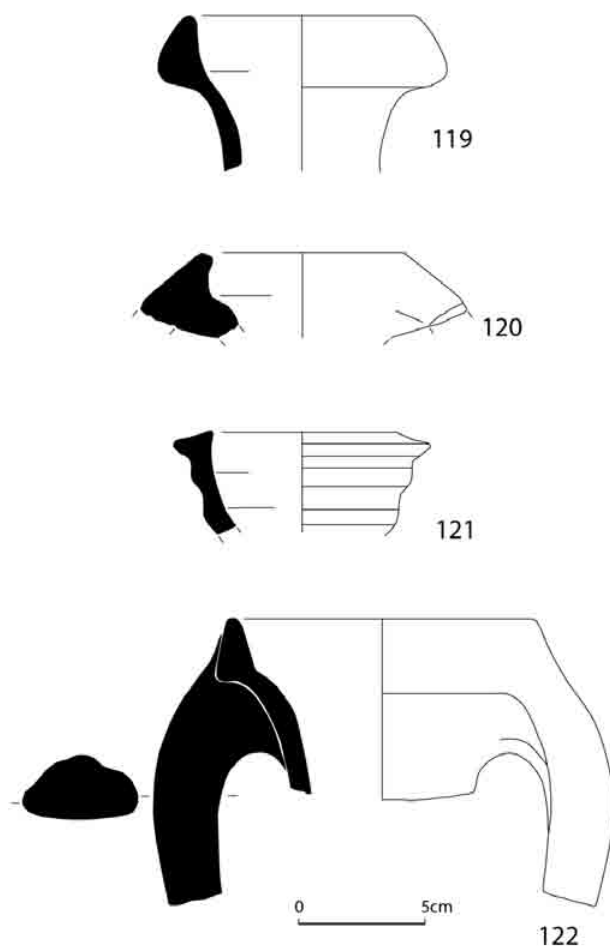


Fig. 18 - Travessa de João Galo, n.ºs 4-4B. Fase V. Ânforas. Desenhos de Susana Duarte.

## Conclusões

A escavação arqueológica efectuada no lote situado nos n.ºs 4-4B da Travessa de João Galo, no Centro Histórico de Setúbal, possibilitou o estudo de uma sequência ocupacional que, iniciada na Idade do Ferro, e embora com algumas soluções de continuidade, se prolongou até ao século VI/VII (após esta data, o referido lote é reocupado somente a partir do século XV).

São de realçar as seguintes contribuições:

1. Verificou-se que a língua de areia ou restinga que prolongava para oeste o sopé da colina de Santa Maria já existiria nos inícios da Idade do Ferro, na área abrangida pelo referido lote;

2. Assinalou-se, uma vez mais, ainda que de

Quadro 1 - Travessa de João Galo, n.ºs 4-4B. Cerâmica fina de mesa.

Categoria / Forma	Fase			
	II	III	IV	V
<b>T. S. sudgálica</b>	<b>18</b>	-	<b>1*</b>	-
Drag. 15-17	1	-	-	-
Drag. 24-25	1	-	-	-
Drag. 27	2	-	-	-
Drag. 30	2	-	-	-
Drag. 37	1	-	-	-
Ind. <sup>1</sup>	10	-	<b>1*</b>	-
<b>T. S. hispânica</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>6*</b>	-
Drag. 15-17	1	-	-	-
Drg. 27	1	-	-	-
Drag. 35/36	1	-	-	-
Ind.	-	2	<b>6*</b>	-
<b>S. Afric. A</b>	-	<b>2</b>	-	<b>1*</b>
Hayes 9B	-	1	-	-
Hayes 14A/B	-	1	-	-
Hayes 197	-	-	-	<b>1*</b>
Ind.	-	-	-	-
<b>S. Afric. C</b>	-	-	<b>6</b>	<b>2</b>
Hayes 50	-	-	-	1
Hayes 50B	-	-	1	-
Ind.	-	-	5	1
<b>S. Afric. D</b>	-	-	<b>20</b>	<b>17</b>
Hayes 59	-	-	4	-
Hayes 60	-	-	1	-
Hayes 61	-	-	4	-
Hayes 63	-	-	1	-
Hayes 67	-	-	1	-
Hayes 91A/B	-	-	1	1
Hayes 99	-	-	-	3
Hayes 103	-	-	-	1
Hayes 104/105	-	-	-	4
Ind.	-	-	<b>8<sup>2</sup></b>	<b>8<sup>3</sup></b>
<b>S. focense tardia</b>	-	-	-	<b>1</b>
Hayes 3	-	-	-	1
<b>Cer. estampada cinzenta</b>	-	-	-	<b>2</b>
Rigoir 1/3	-	-	-	1
Ind.	-	-	-	1

\* Fora do contexto original

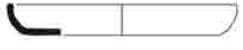


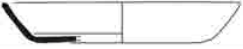















1 - Quatro exemplares decorados e um marmoreado com marca do oleiro RISPVS

2 - Dois exemplares com decoração estampada

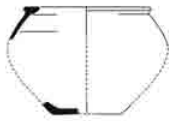
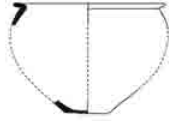


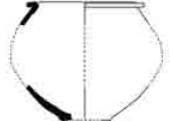





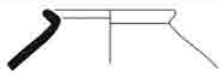

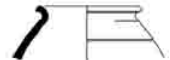
3 - Um exemplar com decoração estampada


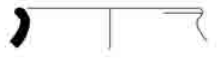

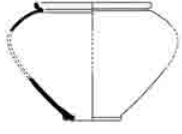





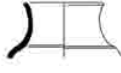

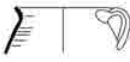

forma indirecta, a importância, para a economia da Setúbal romana, da produção e comércio de preparados piscícolas durante a segunda metade do século I e o século II, com a identificação de um armazém de ânforas da forma Dressel 14.



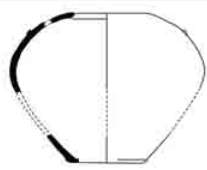
Quadro 2 - Travessa de João Galo, nºs 4-4B. Cerâmica comum.

FORMAS *	FASE II	FASE IV	FASE V
		0 20 30 %	0 20 30 %
S. Cucuf. I-A-1 	-	■ 3 (3,4%)	-
S. Cucuf. I-A-6 	-	-	■ 3 (2,1%)
S. Cucuf. I-A-9 	-	-	I 1 (0,7%)
S. Cucuf. I-A-11 	-	I 1 (1,1%)	-
S. Cucuf. I-B-4 	-	■ 2 (2,3%)	-
S. Cucuf. I-B-5 	-	■ 3 (3,4%)	-
S. Cucuf. I-B-6 	-	■ 2 (2,3%)	-
S. Cucuf. I-B-9 	-	I 1 (1,1%)	■ 4 (2,8%)
S. Cucuf. I-C-? <sup>(1)</sup> 	-	-	I 1 (0,7%)
S. Cucuf. II-A-2 	-	I 1 (1,1%)	-
S. Cucuf. III-A-1 	4	■ 4 (4,6%)	-
S. Cucuf. III-B-2 	2	I 1 (1,1%)	I 1 (0,7%)
S. Cucuf. III-C-1 	-	-	■ 2 (1,4%)
S. Cucuf. III-C-3 	-	-	I 1 (0,7%)
S. Cucuf. III-?	-	-	I 1 (0,7%)
S. Cucuf. III-C-5 	1	-	I 1 (0,7%)
Alm. Dramont D2	-	-	-
S. Cucuf. V-A-2 	-	■ 2 (2,3%)	-
S. Cucuf. V-A-3 	-	I 1 (1,1%)	■ 3 (2,1%)
S. Cucuf. V-B-1 	-	-	■ 2 (1,4%)
S. Cucuf. V-B-3-a 	-	-	■ 2 (1,4%)
S. Cucuf. V-B-6 (?)	-	-	■ 4 (2,8%)



FORMAS *	FASE II	FASE IV	FASE V
		0 20 30 cm	0 20 30 cm
S. Cucuf. VII-A-1 	9	■ 17 (19,3%)	■ 9 (6,4%)
S. Cucuf. VII-B-3 	-	■ 2 (2,3%)	-
S. Cucuf. VII-B-4 	-	■ 2 (2,3%)	-
S. Cucuf. VII-B-? <sup>(2)</sup> 	-	■ 1 (1,1%)	-
S. Cucuf. VIII-A-1 	-	■ 3 (3,4%)	■ 1 (0,7%)
S. Cucuf. VIII-B-1-a 	-	-	■ 2 (1,4%)
S. Cucuf. VIII-B-2 	-	■ 9 (10,2%)	■ 6 (4,3%)
S. Cucuf. VIII-B-3-a 	-	-	■ 8 (5,7%)
S. Cucuf. VIII-B-4 	-	-	■ 3 (2,1%)
S. Cucuf. VIII-B-5 	-	■ 13 (14,7%)	■ 2 (1,4%)
S. Cucuf. VIII-B-5-a 	-	-	■ 1 (0,7%)
S. Cucuf. VIII-B-6 	1	■ 1 (1,1%)	■ 2 (1,4%)
S. Cucuf. VIII-B-7 	1	■ 3 (3,4%)	■ 34 (24,1%)

FORMAS *	FASE II	FASE IV	FASE V
		0 20 30 cm	0 20 30 cm
S. Cucuf. VIII-B-7-a 	-	-	█ 2 (1,4%)
S. Cucuf. VIII-B-7-b 	-	-	█ 17 (12,1%)
S. Cucuf. VIII-B-8 	-	█ 1 (1,1%)	█ 6 (4,3%)
S. Cucuf. VIII-C-1 	2	█ 4 (4,6%)	-
S. Cucuf. VIII-C-2 	-	-	█ 3 (2,1%)
S. Cucuf. IX-A-1 	-	█ 1 (1,1%)	-
S. Cucuf. IX-A-fr3 	-	-	█ 2 (1,4%)
S. Cucuf. IX-A-? <sup>(3)</sup>	-	█ 3 (3,4%)	-
S. Cucuf. IX-B-2-a 	-	-	█ 3 (2,1%)
S. Cucuf. IX-C-1 	1	█ 2 (2,3%)	█ 1 (0,7%)
S. Cucuf. X-A-1 	-	█ 1 (1,1%)	-
S. Cucuf. X-A-4 	-	-	█ 1 (0,7%)
S. Cucuf. X-A-8 	-	-	█ 1 (0,7%)
S. Cucuf. X-A-? <sup>(4)</sup>	-	-	█ 3 (2,1%)
S. Cucuf. X-B-2 	2	█ 2 (2,3%)	-

FORMAS *	FASE II	FASE IV	FASE V
		0 20 30 m	0 20 30 m
S. Cucuf. X-B-? <sup>(5)</sup>	-	I 1 (1,1%)	-
S. Cucuf. X-C-1 	1	-	-
S. Cucuf. XI-A-3 	-	-	I 1 (0,7%)
S. Cucuf. XII-C-? <sup>(6)</sup>	1	-	-
S. Cucuf. XIII-A-1 	-	I 1 (1,1%)	■ 7 (5%)
Total	24	88 (100%)	141 (100%)

\* Protótipos a partir da tipologia de Vaz Pinto, 2003, p.528-543.

- (1) Prato de bordo em aba saliente para o exterior.
- (2) Tacho de bordo horizontal com ranhura perimetral; parede do bojo subvertical.
- (3) Pote de bordo arqueado e ligeiramente extrovertido, com espessamento arredondado.
- (4) Potinho de bordo encurvado para o exterior.
- (5) Potinho de bordo formando garganta interna.
- (6) Bilha de colo alto e muito estreito, com asa inserida imediatamente abaixo do bordo.

Tipo	Fases				
	I	II	III	IV	V
Maña Pascual A4	1	-	-	-	-
Dressel 1(?)	1	-	-	-	-
Dressel 6(?)	1	-	-	-	-
Dressel 20	-	2	-	-	-
Beltran IIB	-	1	-	-	-
Dressel 14 var. A	-	15	-	-	-
Dressel 14 var. B	-	72	-	-	-
Dressel 14 var. C	-	32	3	-	-
Dressel 14 var. ind.	-	4	-	-	-
Almagro 50	-	-	-	2	-
Almagro 51a-b var. B	-	-	-	4	-
Almagro 51a-b var. C	-	-	-	-	1
Almagro 51c var. B	-	-	-	2	2
Almagro 51c var. C	-	-	-	1	7
Almagro 51c var. ind.	-	-	-	-	6
Sado 2	-	-	-	-	1
Sado 3	-	-	-	-	1

Quadro 3 - Travessa de João Galo, n.ºs 4-4B. Ânforas.

\* Fora de contexto original  
Nota: o número de exemplares foi determinado a partir do número de fragmentos com bordo

3. Puseram-se a descoberto estruturas per-tinentes, muito provavelmente, a edifício monu-mental e público, datável do século II e cuja destrui-ção poderia ter ocorrido na transição para o século seguinte provocada talvez por um sismo que teria afectado o Sudoeste peninsular (cf. Mayet & Tava- res da Silva, 2010).

4. Identificaram-se níveis de ocupação alto medievais (séculos V e VI/VII), período mal conhe- cido em Setúbal, durante o qual a cultura material cerâmica mantém, de um modo geral, forte tradição romana; a povoação consome produtos importados, com origem na actual Tunísia (*terra sigillata* africa- na D), na Narbonense (cerâmica estampada cinzen- ta ou *sigillata* paleocristã) e na costa ocidental da actual Turquia (*sigillata* focense tardia).

### Referências Bibliográficas

ALARCÃO, J. (1965) – Cerâmica estampada cinzenta de Conimbriga. *Arquivo de Beja*, 22, p. 191-196.

ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C.; BARGÃO, P.; PEREIRA, R. (2006) – A importação de prepara- dos de peixe em Castro Marim: da Idade do Ferro à Época Romana. *Simpósio Internacional Produção e Comércio de Preparados Piscícolas Durante a Proto-história e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica. Homenagem a Françoise Mayet* (Setúbal Arqueológica, 13). Setúbal: MAEDS/ADS p. 153-176.

BONIFAY, M. (2004) – *Études sur la céramique romaine tardive d’Afrique*. Oxford: BAR Interna- tional.

BONIFAY, M.; PIÉRI, D. (1995) – Amphores du Vè au VIIè à Marseille: nouvelles données sur la topo- logie et le contenu. *Journal of Roman Archaeology*, 8, p. 94-120.

BOURGEOIS, A.; MAYET, F. (1991) – *Belo VI. Les sigillées*. Madrid: Casa de Velázquez.

CARDOSO, J. L. (1986) – Sedimentologia das ca-

madras da base de alguns cortes estratigráficos da cidade de Setúbal: esboço da reconstituição pa- leogeográfica neles baseada. *I Encontro Nacio- nal de Arqueologia Urbana (Setúbal 1985)*. Lis- boa: Instituto Português do Património Cultural, p. 161-168.

COELHO-SOARES, A.; TAVARES DA SILVA, C. (1978) – Ânforas romanas da área urbana de Se- túbal. *Setúbal Arqueológica*, 4. Setúbal: MAEDS/ ADS, p.171-201.

HAYES, J. W. (1972) – *Late roman pottery*. Lon- don: the British School at Rome.

HAYES, J. W. (1980) – *A suplement to late roman pottery*. London: the British School at Rome.

LUEZAS PASCUAL, R. A. (2001) – Cerámicas comunes de importación de época romana em el *Municipium Calagurris Julia* (Calahorra, La Rioja). *Kalakorikos*, 6, p.71-100.

MAGALHÃES DA SILVA, A. P. M. (2010) – *A ter- ra sigillata da oficina de salga 1 de Tróia: contex- tos de escavações antigas (1956-1961) e recentes (2008-2009)*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

MARTIN-KILCHER, S. (1983) – Les amphores ro- maines à huile de Bétique (Dressel 20 et 23) d’Augst (*Colonia Augusta Rauricorum*) et Kaiseraugst (*Cas- trum Rautracense*). Um rapport préliminaire. In *Producción y Comercio del Aceite en la Antigüedad*. Madrid, p. 337-347.

MAYET, F. (1975) – *Les céramiques à parois fines dans la Péninsule Ibérique* (Publications du Centre Pierre Paris, 1). Paris.

MAYET, F.; PICON, M. (1986) – Une sigillé pho- céenne tardive (“Late Roman C Ware”) et sa diffu- sion en Occident. *Figlina*, 7, p. 129-142.

MAYET, F.; SCHMITT, A.; TAVARES DA SIL- VA, C. (1996) – *Les amphores du Sado (Portugal). Prospection des fours et analyse du matériel*. Paris.

MAYET, F.; TAVARES DA SILVA, C. (1998) – *L'atelier d'amphores de Pinheiro (Portugal)*. Paris.

MAYET, F.; TAVARES DA SILVA, C. (2010) – Production d'amphores et production de salaisons de poisson: rythmes chronologiques sur l'estuaire du Sado. *Conimbriga*, 49, p. 119-132.

QUARESMA, J. C. (2006) – Almofarizes béticos e lusitanos: revisão crono-morfológica de alguns tipos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 9 (1), p. 149-166.

QUARESMA, J. C. (2012) – *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano. Terra Sigillata e cerâmica de cozinha em Chãos Salgados (Miróbriga?)*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

RAMÓN TORRES (1995) – *Las ánfores fenicio-púnicas del Mediterráneo central y occidental*. Barcelona.

SOARES, J. (2000) – Arqueologia urbana em Setúbal: problemas e contribuições. *Actas do Encontro sobre Arqueologia da Arrábida* (Trabalhos de Arqueologia, 14), p. 101-130.

SOARES, J.; TAVARES DA SILVA, C. (1986) – Ocupação pré-romana de Setúbal. Escavações arqueológicas na Travessa dos Apóstolos. *I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Setúbal 1985)*. Lisboa: Instituto do Património Cultural, p. 87-101.

TAVARES DA SILVA, C. (1990) – Arqueologia de Setúbal. Para o conhecimento das origens da cidade. In *Setúbal na História*. Setúbal: LASA, p. 105-122.

TAVARES DA SILVA, C. (1996) – Produção de ânforas na área urbana de Setúbal. In *Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado. Actas das I<sup>as</sup> Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, p. 43-54.

TAVARES DA SILVA, C.; COELHO-SOARES, A. (1980-81) – A Praça do Bocage (Setúbal) na Época Romana. Escavações arqueológicas de 1980. *Setúbal Arqueológica*, 6-7. Setúbal: MAEDS/ADS, p. 249-284.

TAVARES DA SILVA, C.; COELHO-SOARES, A.; SOARES, J. (1986) – Fábrica de salga da época romana da Travessa de Frei Gaspar (Setúbal). *I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Setúbal, 1985)*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural, p. 155-159.

TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J. (1986) – *Arqueologia da Arrábida*. Lisboa: Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza.

TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J. (1993) – *Ilha do Pessegueiro. Porto romano da costa alentejana*. Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza.

TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J.; COELHO-SOARES, A. (1992) – Estabelecimento de produção de salga da época romana na Quinta do Marim (Olhão). Resultados das escavações de 1988-89. *Setúbal Arqueológica*, 9-10. Setúbal: MAEDS/ADS, p. 335-374.

TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J.; WRENCH, L. N. C. (2010) – Os primeiros mosaicos romanos descobertos em *Caetobriga. Musa. Museus, Arqueologia e Outros Patrimónios*, 3. Setúbal: FIDS e MAEDS, p. 149-164.

VAZ PINTO, I. (2003) – *A cerâmica comum das vil-lae romanas de São Cucufate (Beja)*. Lisboa: Universidade Lusíada.

VIEGAS, C. (2011) – *A ocupação romana do Algarve. Estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.